



**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**Faculdade de Letras e Ciências Sociais**

**Departamento de Sociologia**

**“Primeiro é preciso motivar as crianças”:**

**Um estudo da interacção pedagógica entre professores e alunos numa escola primária de  
Maputo.**

Monografia apresentada para a conclusão do grau de licenciatura em Sociologia  
na Universidade Eduardo Mondlane

**Autor:** Enoque Luís Chauque

**Supervisora:** Dra. Elena Colonna

Maputo, Dezembro de 2015

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE  
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Enoque Luís Chauque

**“Primeiro é preciso motivar as crianças”**

**Um estudo da interacção pedagógica entre professores e alunos numa escola primária de  
Maputo.**

O Júri

A Supervisora

O(A) Presidente

O(A) Oponente

.....

Maputo, aos ..... de ..... de .....

## **DECLARAÇÃO DE HONRA**

Eu, Enoque Luís Chauque, declaro pela minha honra que, este trabalho nunca foi apresentado anteriormente na sua essência e resulta da minha investigação estando indicadas na bibliografia as fontes por mim utilizadas.

Maputo, Dezembro de 2015

---

(Enoque Luís Chauque)

## **DEDICATÓRIA**

Ao meu pai Enoque Chauque

e

À minha mãe Neli Zamba

## **Agradecimentos**

Tendo frequentado o curso de sociologia desde 2010, é chegado o momento de trazer os frutos da batalha que nunca será esquecida na história da minha vida. Não poderão constar desta lista todos os que me apoiaram nesta luta mas com isso, não se devem sentir excluídos pois também tem um lugar no meu coração e com certeza tiveram uma influência positiva nesta realização.

Quero endereçar a minha supervisora Dra. Elena Colonna, que acompanhou esse trabalho até ao fim. Agradeço também a todo corpo docente do Departamento de Sociologia que se empenha na construção do conhecimento científico e me proporcionou bases que me permitiram construir os conhecimentos que hoje possuo.

Quero agradecer também ao meu grande companheiro que foi muito presente em todos os momentos bons e maus, ao longo do curso, António Américo Chirindza. Agradeço também os outros colegas do grupo de pesquisa, Selinah Simango, Liendina Chirindza, Joana Nkalotakuka, do qual o António também fazia parte. Aos colegas que também foram grandes companheiros nos debates de ideias, Ricardino Zandamela, Isac Guilengue, Pedro Mazivila, Abílio Conjo, Décio Mandlate, Celso Vilanculos, Joira Chauque, José Choé, Carlos Tembe, Albertina Justino, Ildo Macome, Rosa Timbana, Domingos, e toda a turma de sociologia do ano 2010 vão também os meus agradecimentos.

A família Chauque e Zamba e todos familiares, aos irmãos da Igreja Presbiteriana de Moçambique (IPM) Paróquia de Mubukwane, amigos da zona, sem esquecer do coral *United Voice* que sempre me apoiaram directa ou indirectamente. Aos companheiros que também me proporcionaram bons momentos durante meu percurso académico, Arnaldo Maholele, Assaina Chicumba. Agradeço também ao Mussa Chaleque, quem se responsabilizou pela revisão linguística deste trabalho, a Escola Primária 1 de Junho que permitiu a recolha de dados nas salas de aulas. A matias Chauque, Joana zamba e a todos os meus tios. E aos meus amigos companheiros que sempre me apoiaram até aos dias de hoje, Hermenegildo Fumo, Filimone Zamba, Letícia Ema, Enoque Leal, Vanessa Nhantsumbo, Amira Malumbane, Damião Fondo, Enoque Leal.

Para terminar, endereço os meus agradecimentos a Neli Zamba, Enoque Chauque, Célio Chauque, Patrício Chauque, Enoque Fondo, Dorcina da Conceição, Hermeny da Conceição que,

na qualidade de família, conseguiram me proporcionar um calor que me deu forças ao longo do curso e na realização deste trabalho. Que Deus ilumine o caminho de todos. Kanimambo, Kanimambo, Kanimambo.

## **Lista de abreviaturas**

CFPM -Centro de Formação de Professores da Munhuana

IMAP- Instituto de Magistério Primário

PEA - Processo de Ensino e Aprendizagem

TPC- Trabalho Para Casa

## Resumo

As crianças sempre foram vistas como sujeitos incapacitados e inconscientes dos seus actos. No processo de ensino e aprendizagem, isso manifesta-se quando não lhes é atribuído um espaço para mostrar as suas habilidades, pelo facto de os professores acharem que são incompetentes e que só devem estar na sala de aulas para ouvir e cumprir o que o professor diz. Por essa razão as crianças são controladas com recurso à violência física e psicológica para as tornar o que se pensa que devem ser.

Este trabalho foi feito na Escola Primária 1 de Junho, uma escola moçambicana pública na cidade de Maputo, localizada num bairro suburbano, com o intuito de compreender a relação existente entre a representação social que os professores têm sobre os alunos e a interacção pedagógica entre estes na sala de aulas. Colocamos a hipótese de que as representações produzidas pelos professores sobre os alunos influenciam a interacção com os mesmos no processo de ensino e aprendizagem. Recorremos à teoria das representações sociais de Moscovici que tornou possível a explicação das imagens que os professores constroem sobre os alunos. Sendo este um trabalho qualitativo, utilizamos as entrevistas semi-estruturadas aos professores e a observação dentro das salas de aulas.

A nossa análise permitiu constatar que os professores constroem um conjunto de representações sobre os alunos, a partir das quais atribuem uma identidade a cada aluno. As representações que os professores têm são de aluno “bom” ou aplicado, disciplinado, competente, Inteligente, etc. Que apresenta um conjunto de características consideradas positivas para o educador, e aluno “mau” ou não aplicado, mal comportado, incompetente, etc. caracterizado de forma negativa. A semelhança nas duas representações encontra-se no facto de ver todas as crianças como inconscientes dos seus actos.

Quando os professores interagem com os alunos têm sempre em conta as representações que possuem sobre estes. Na interacção com os alunos considerados não aplicados, estes recorrem à violência física e psicológica, pois acham que é difícil trabalhar de outra forma. Enquanto com os alunos representados como bons ou aplicados, a interacção não envolve violência física e estes são os mais chamados para a resolução de exercícios no quadro. Contudo, uma vez que Ambos são representados como inconscientes dos seus actos, sendo, por isso, difícil de trabalhar com eles, os professores tendem a recorrer, a violência psicológica com todos.

**Palavras-chave:** Professores, Alunos, Crianças, interacção pedagógica, representações sociais, violência.



## **Abstract**

The children's have always been seen as someone inability and unconscious of their actions. In the teaching and learning process, it manifests when they are not given a space to show their skills, because teachers think that they are incompetent and must be in the class only to listen and accomplish what teacher says. That's why this is controlled using physical and psychological violence to turn them what we think children's should be.

This work was done in elementary school 1<sup>st</sup> June, a Mozambican public school located in a suburban district in Maputo, and we had the intention of understanding the relationship between social representation that teachers have on students and the pedagogic interaction between them in the classroom. In this, we put the hypothesis that the representation of teachers on students influences the interaction in the teaching and learning process. To test it, we use the theory of social representations of Moscovici that made possible the explanation of the images that teachers build on students. Being this a qualitative study, we are guided through semi-structured interviews with teachers and observation in the classroom.

Our analysis allowed us to observe that teachers build a collection of images about the students, and these constitute a representation that results in attribution of an identity to the student. The representations that teacher have, are "good student" or applied, disciplined, competent, intelligent, etc. who present collection of characteristics considered positive for the educator and bad or "not applied", bad held, incompetent, etc. who are characterized negatively. The similarity of their vision, meet in fact that all children are seeing as unconscious of his acts.

When teachers interact with students always have taken into account the representations that they have on this. In the interaction with students considered not applied, he refers to physical and psychological violence because he thinks that is too much difficult to work in another way. While with students acted as good or applied, the interaction doesn't involve psychical violence and they are most called to resolve some exercises on the blackboard. But there is a representation that includes the two kinds of students brought here. Both students are represented as unconscious of this action, that's why is difficult to work with them, and then the teacher uses sometimes psychological violence.

**Keywords:** Teachers, students, children, pedagogical interaction, social representation, violence.

## ÍNDICE

Declaração de honra.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Lista de abreviaturas.....	v
Resumo.....	vi
Abstract.....	vii
INTRODUÇÃO .....	1
I.    A RELAÇÃO ENTRE PROFESSORES E ALUNOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM .....	3
1.1.    Interacção entre professores e alunos .....	3
1.2.    Perspectivas construtivista e tradicional.....	8
1.4.    Formulação do problema .....	11
II.    AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA SALA DE AULAS: UM ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	14
2.1.    A teoria das representações sociais de Moscovici.....	14
2.2.    Os conceitos.....	15
III.    METODOLOGIA .....	21
3.1.    Caracterização do contexto da pesquisa .....	21
3.1.    Definindo os professores como nosso objecto de estudo .....	21
3.2.    Caminho para Recolha e análise de dados.....	22
3.3.    Identidade do investigador.....	23
3.4.    Questões éticas, constrangimentos e limitação do estudo .....	24
IV.    AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A INTERAÇÃO ENTRE OS PROFESSORES E ALUNOS.....	26

4.1. Características dos professores inquiridos.....	26
4.2. Visão dos professores sobre a sua profissão.....	27
4.3. Relação entre professores e alunos nas aulas .....	29
4.4. Comportamento dos alunos na visão dos professores .....	33
4.5. “A criança não é uma tábua rasa” Visão dos professores sobre os saberes dos alunos. 37	
4.6. “Brincar é o que mais sabem fazer” Representações dos professores sobre as competências dos alunos .....	39
4.7. Alunos que sabem e alunos que não sabem.....	42
4.8. Representação dos alunos como não aplicados (maus alunos).....	43
4.9. Representação dos alunos como aplicados (bons alunos) .....	45
4.10. A relação entre a interacção e a representação social dos professores sobre os alunos no processo de ensino e aprendizagem .....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
BIBLIOGRAFIA .....	53
ANEXOS .....	55
ANEXO 1:Termo de consentimento para a direcção da escola .....	55
ANEXO 2:Termo de consentimento para os professores.....	56
ANEXO 3: Guião de entrevista para professores .....	57

## INTRODUÇÃO

A sociologia da infância é um novo campo de conhecimento que vem dar ênfase as crianças como sujeitos activos, com capacidade de construir conhecimentos, abandonando a visão sobre estas como objectos, como mostraram vários autores: Soares, et all (2005), Fabiano et all (2009), Soares (2006). Com a visão dos alunos como actores sociais, os investigadores e os professores têm que adoptar novas medidas de investigação e de ensino que permitam tratar as crianças como actores sociais.

Este trabalho surge a partir de uma preocupação no seio do processo de ensino e aprendizagem no que diz respeito a interacção entre os professores e alunos na sala de aulas, com o objectivo de compreender como é que a forma como os primeiros olham para os segundos influencia na interacção entre estes no processo de ensino e aprendizagem. A teoria usada no trabalho é das representações sociais, o método de abordagem é hipotético dedutivo e o método de procedimento é fenomenológico. As técnicas de recolha de dados usadas são as entrevistas semiestruturadas e observação sistemática directa. Os instrumentos usados na recolha de dados são o diário de campo, guiões de entrevista e gravador. A amostra é constituída por 6 professores da 1ª classe. Para o trabalho de campo, escolhemos a Escola Primária Completa 1 de Junho, em Maputo, por ser uma escola primária pois nós pretendíamos estudar 1ª classe por ser um nível em que os alunos têm o primeiro contacto com os professores e com a escola. E também pelo facto acessível ao pesquisador em termos da sua localização.

A organização deste trabalho foi feita em quatro partes. Na primeira temos a formulação do problema de pesquisa, na segunda encontramos o enquadramento teórico, em seguida os procedimentos metodológicos e, por último, a análise e discussão de resultados. No primeiro capítulo procura-se perceber como o assunto que aqui é abordado, vem sendo discutido pelos autores. Com a revisão da literatura, é possível perceber que existem duas posições no que concerne à relação entre os professores e os alunos na sala de aulas nas quais: (i) a perspectiva tradicional que vê a criança como um amorfo ou objecto, isto é, um simples receptor de conteúdos leccionados sem trazer sua reflexão e (ii) a visão construtivista na qual a criança é vista como um actor social que participa de forma activa no processo de ensino e aprendizagem. No segundo capítulo, apresentamos a teoria das representações sociais que nos ajudou a mostrar

como é que são formadas as representações do professor sobre o aluno e de que maneira as mesmas influenciam na forma como a aula é administrada e na interacção dentro da sala de aulas. Em seguida, discutem-se conceitos de representação social e interacção pedagógica como elementos que se encontram no centro da nossa questão e que são fundamentais no procedimento e na compreensão da nossa pesquisa. No terceiro capítulo, apresentamos os caminhos usados para a recolha de dados que foi realizada com recurso a observação directa e entrevistas. No último capítulo, discutimos e analisamos os dados colhidos com base na Teoria das Representações Sociais, procuramos testar a hipótese levantada e foi confirmada.

## **I. A RELAÇÃO ENTRE PROFESSORES E ALUNOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

Neste capítulo trazemos a revisão da literatura que, *a priori*, irá mostrar a relação existente entre os professores e os alunos na sala de aulas e a metodologia que guia a sua interacção. Vamos mostrar os elementos que caracterizam a visão tradicional e construtivista do processo de ensino e aprendizagem e como é que podemos enquadrar a visão dos alunos como objectos e como actores sociais. E, por fim, explicaremos quais são os elementos que caracterizam a representação social dos professores sobre os alunos e quais as imagens que são atribuídos.

### **1.1. Interacção entre professores e alunos**

Nesta parte vamos mostrar como é que vários autores abordados como: Soares (2006), Fabiano (2005) Rangel e Machado (2012) Barreto (2010) etc discutem o tema, a visão dos professores ou adultos sobre os alunos e a relação entre estes na sala de aulas, concretamente, no que concerne às metodologias de ensino e da interacção dentro da sala de aulas no processo de ensino e aprendizagem para a construção do conhecimento.

A sociologia da infância, segundo Soares (2006), vem dar maior enfoque às crianças como actores sociais na sociedade e no campo científico. Em particular, os investigadores e os professores passam a ver as crianças como actores sociais. Associado a esta ideia, Fabiano (2005) mostra que a escola é uma instituição importante na promoção das interacções sociais e deve, por isso, criar metodologias que permitem interagir com as crianças, olhando para estas como seres activos. Neste caso, Rangel e Machado (2012) argumentam que a forma como os professores e os alunos interagem tem influência na metodologia que o professor emprega no processo de ensino e aprendizagem na sala de aulas.

Barreto (2010) na sua obra intitulada “*Formação do professor: um processo de ensino e aprendizagem*” notou que a formação dos professores deve ter o objectivo de proporcionar a estes, mecanismos para que consiga usar metodologias relevantes no processo de ensino e aprendizagem na sala de aulas. A mesma ideia pode ser associada ao posicionamento da pesquisa

efectuada por Rangel e Machado (2012) quando dão ênfase a metodologia aplicada pelos professores no aproveitamento escolar dos educandos. Rangel e Machado (2012) procuraram saber as metodologias que podiam ser aplicadas para capacitar os professores no uso de tecnologias com o objectivo de superar as suas limitações. Apesar de Barreto (2010) ter trazido na sua abordagem uma posição semelhante a de Rangel e Machado (2012), o primeiro vai mais além ao mostrar que os professores deveriam ter uma formação contínua das tecnologias de informação, e questiona o modelo tradicional do processo de ensino e aprendizagem que se limita numa simples transmissão de conhecimentos.

Estes autores realçam a questão da interacção na sala de aulas e as metodologias de ensino. Para estes autores deve-se capacitar os professores, ainda na formação como realçou Barreto (2010), para que estes possam proceder de forma a abandonar perspectiva tradicional de transmissão de conhecimento para uma perspectiva construtivista. Estes procedimentos metodológicos são associados a nova visão da infância trazida pela sociologia da infância onde Soares (2005) mostra que as crianças são actores sociais e, por essa razão, os professores devem ouvi-las e compreendê-las dentro do seu contexto e sendo assim devem optar pela metodologia construtivista.

Neste caso, para Fabiano et al (2009), os educadores ou as escolas devem proporcionar mais atenção para as crianças e as suas metodologias, para além de se basearem na observação, devem também criar condições de escutá-las diariamente. Este autor acrescenta que os professores, para além de serem intérpretes e tradutores, devem partir dos pontos de vista das crianças e também dos significados que elas atribuem ao mundo, e para tal deve haver uma abertura de forma que o educador passe a ouvir tudo quanto as crianças dizem.

A ideia de Fabiano et al (2009) é evidente também no estudo de Carvalho (2008) que constataram que a questão da aprendizagem com qualidade deve responder às necessidades tendo em conta o crescimento e emancipação do educando. Para tal, as práticas pedagógicas desenvolvidas na sala de aulas não devem se limitar a simples transmissão de conteúdos aos alunos, mas sim deve incentivar o espírito da crítica, a capacidade de questionar, e a tolerância às diferentes ideias, como refere Carvalho (2008).

Com essa visão, mostra-se que é preciso ter em conta que os alunos estão sempre em progressão, e as práticas pedagógicas devem sempre tomar em consideração o nível que este possui. Para

proceder de tal maneira, deve-se tomar a perspectiva construtivista de ensino e aprendizagem. Olhando para a infância, segundo Fabiano et al (2009), a visão construtivista só pode acontecer se as relações tradicionais do adulto e a criança se transformarem, e o professor passar a olhar para o aluno como actor social.

Enfatizando a mesma posição, Carvalho (2008) mostra que a metodologia construtivista deve ser capaz de inculcar o espírito crítico nos alunos. Demo (2005) mostrou que a criatividade é cultivada na academia, mas é também possível na escola básica, e com isso, o professor não é alguém que tendo acumulado conhecimentos, os transmite para os seus alunos taxativamente, mas sim deve estar em constante aprendizagem e daí poderá dinamizar as suas aulas e inculcar nos alunos a capacidade de interpretar o seu mundo. Isto quer dizer que não só os professores devem ver os alunos como actores sociais mas a sua formação deve capacitar no sentido de usar uma metodologia que permita interagir com as crianças na sala olhando para estas como seres activos.

Um estudo moçambicano feito por Palme (1992) denunciou a existência de uma crescente diferença entre, a exigência do currículo e o conhecimento dos alunos em várias escolas primárias fora das zonas urbanas. Neste caso, este autor mostra que não há uma elevação gradual do nível do ensino exigido pelos programas e livros escolares, com o aumento do conhecimento dos alunos. Para este autor, os livros escolares também devem estar em condições de fazer o acompanhamento gradual do nível de conhecimento dos alunos. Nessa abordagem, Palme vai na mesma linha que Carvalho (2008), quando mostra que o professor é quem ministra a aula para apresentar os conteúdos dos livros e então é tido como o sujeito responsável pelo uso de metodologias que lhe permitem interagir com os alunos na sala de aulas para a construção de conhecimentos.

Portanto, a falta dessa equidade entre os livros escolares e o nível de aprendizagem dos alunos, faz com que os alunos não aprendam o que vem em diante pois não tem bases que são os conhecimentos que deveriam ter adquirido anteriormente. Este, segundo Palme (1992), é um problema observado nas escolas primárias moçambicanas. Este autor acrescenta que, espera-se até 2ª classe que os alunos saibam ler, mas em vários casos, até 4ª classe esses não sabem ler e isso faz com que o problema avance e eles não têm nenhuma possibilidade de acompanhamento da matéria.



Demo (2005) mostra que os professores têm de ser pesquisadores e acrescenta que para se dinamizar o processo de ensino e aprendizagem estes devem se dedicar a actividade de investigação pois “é importante compreender que sem pesquisa não há ensino”, (Idem, p.51). Barbosa (2008) na sua obra intitulada “*A Avaliação da Aprendizagem como Processo Interactivo: Um Desafio para o Educador*” percebeu que a avaliação do desenvolvimento do ensino e aprendizagem não deve ser vista de forma separada mas sim em conexão com o “projecto político pedagógico da escola” que define as metodologias que são introduzidas na sala de aulas.

Com isso, no processo de ensino e aprendizagem, a metodologia pedagógica não é desenhada pelos professores de uma forma isolada, mas também existe instâncias que se dedicam na definição de metodologias e mecanismos para o uso do professor. Por sua vez, este deve na ordem de Demo (2005), levar estas metodologias e empregar na sala de aulas no processo de interacção com os alunos e contextualizá-las. Isso implica que o professor deve aplicar as metodologias tendo em conta que os seus alunos são activos na interacção e criando uma abertura para as diferentes ideias.

No entender de Barbosa (2008), a avaliação serve como um processo contínuo participativo que pode permitir com que o professor perceba o estágio dos seus educandos e reorganizar a metodologia com objectivo de torná-la específica para os alunos que estiverem a ensinar e que com a mesma, eles possam desenvolver as suas capacidades de crítica ou questionamento e proporcionar uma dinâmica no processo de ensino e aprendizagem tornando o aluno, um crítico e não um simples acumulador e reproduzidor das matérias.

Melo e Bastos (2012) estudaram a “*Avaliação escolar como processo de construção do conhecimento*” e constataram que a mesma é um instrumento importante para o professor pois esta pode permitir o planeamento de novas estratégias pedagógicas como concluiu Barbosa (2008). Isto mostra que o professor é produtor de instrumentos para buscar o máximo das competências dos alunos para a sua avaliação futura.

Portanto, a avaliação para Melo e Bastos (2012) deve ser constante e acompanhar todo o processo de ensino e aprendizagem onde para que ela não seja temida, os alunos deverão saber quando é que estes estão a ser avaliados pois só assim podem fazer o máximo de demonstrar as suas capacidades como alunos. Os professores não deverão incluir questões que levam a

reprodução ou repetição das aulas mas sim deverão ser reflexivas para que o aluno possa demonstrar a sua capacidade mostrando os seus conhecimentos sobre os assuntos ministrados na sala de aulas, portanto, as questões devem ser reflexivas e não de memorização.

Melo e Bastos (2012) falaram da relevância do acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem e do desenvolvimento dos alunos no qual mostram que os professores devem guiar os seus educandos e a forma como estes progridem nas aulas. Na mesma ordem, uma pesquisa feita por Palme (1992) mostrou a desconexão existente na escola primária moçambicana entre os programas, manuais dos professores e os livros escolares. Estes programas, devem “dar espaço em espaço ou tempo para que se faça ajustamento” (Palme, 1992, p.64) mas não é o caso como este autor diz. O autor (Ibidem) afirma que mesmo se os alunos não apreendem o que os professores dão do manual, este (o professor) avança para o cumprimento do programa sem haver preocupação com o que o aluno apreende, e estes vão pousando de classe em classe sem o conhecimento necessário.

Portanto, os resultados da pesquisa acima expostos mostram o papel crucial dos professores na planificação de metodologias para dinamizar o processo de ensino e aprendizagem na medida em que eles devem elaborar métodos não de uma forma aleatória mas esses devem enquadrar-se no contexto para qual ele estiver a trabalhar e com isso o programa não irá excluir nenhum tipo de aluno, mas sim será abrangente.

Pires (2012) mostra que os professores devem mediar a busca do conhecimento a partir da organização e coordenação da aprendizagem. Na mesma ordem “o professor precisa investir na ideia de chegar a motivar o aluno a fazer elaboração própria, colocando isso como meta da formação”, (Demo 2005; p.87). Neste caso, a construção de conhecimento é mediada pelos professores, em que se deve organizar o saber prévio dos alunos e se olhar para estes como sujeitos activos ou actores sociais, como defendeu Soares et all (2005).

Olhando para a discussão dos autores acima, podemos afirmar que o processo de ensino e aprendizagem divide em duas perspectivas: a tradicional e a construtivista. A perspectiva tradicional limita-se numa simples transmissão de conhecimentos aos alunos, onde estes poderão imitar e repetir toda a informação transmitida pelos professores e estes se colocam na posição de detentores de conhecimento e os alunos ficam na posição de amorfos, sem nenhuma capacidade de criar nem de problematizar sobre as matérias e seu quotidiano. Esta visão, segundo Soares

(2006), define as crianças como objectos, e por essa razão as metodologias de ensino são criadas tendo em conta a representação que lhes atribuem.

A perspectiva construtivista, na visão de Melo e Bastos, (2012); Soares et all, (2005) e Demo, (2005), mostra que os professores não estão na posição de simples transmissores de informações, mas têm a função de mediar a interacção entre o conhecimento e os alunos criando condições favoráveis para uma qualidade no processo de ensino e aprendizagem. Aqui o conhecimento não é transmitido como um saber pronto ou acabado para ser passado para os alunos, mas sim há um processo de reflexão e acompanhamento destes pelos professores.

Este acompanhamento dos alunos pelos professores associa-se a ideia trazida por Soares (2006) que define as crianças como actores sociais que falam e agem e dessa maneira estas devem participar na interacção para a construção de conhecimentos e, por sua vez, as metodologias de ensino serão de carácter construtivista.

Nesta ordem, o tipo de metodologia que os professores adoptam contribui na maneira como estes se comportam, reagem, planeiam e interagem nas relações sociais dentro das actividades da sala de aulas com os alunos.

## **1.2. Perspectivas construtivista e tradicional**

No processo de ensino e aprendizagem, podemos encontrar a visão construtivista e tradicional. Como mostram Melo e Bastos (2012) a visão tradicional olha para os alunos como seres dependentes que devem ficar a espera dos professores para receber conhecimentos e em seguida reproduzir. Para Soares (2006), esta visão define os alunos como objectos incompetentes, dependentes, sem racionalidade nem maturação e não como actores sociais. Aqui, os alunos são vistos como seres incapazes de criar e de interagir, devendo apenas aprender o que os professores ensinam e reproduzir de forma fiel. Esta visão difere da perspectiva construtivista que olha para os alunos como actores sociais no processo de ensino e aprendizagem.

A perspectiva construtivista, segundo Melo e Bastos (2012), olha os alunos como actores sociais com capacidade de criar transformar e recriar conhecimentos e a visão tradicional olha para os

alunos como indivíduos sem capacidade de criar ou recriar conhecimentos e devem ficar a espera dos professores que irão incutir saberes para que eles possam os reproduzir como foi transmitido.

Na visão construtivista os professores juntamente com os alunos participam no processo de construção de conhecimento dentro da sua interacção na sala de aulas. Esta perspectiva está relacionada com o construtivismo que para Lajonquière *apud* Sanches e Mahfoud (2010) olha para o conhecimento como algo dinâmico e que não deve ser visto como reprodução de saberes, e os alunos, não devem ser concebidos como simples objectos que somente recebem e reproduzem conhecimentos segundo a visão tradicional.

Pires (2012) enfatiza dizendo que o conhecimento é adquirido no contexto histórico e social do indivíduo e a escola tem a tarefa de sistematizar a bagagem de conhecimentos carregada pelo aluno. E olhando para as crianças como actores sociais é possível concluir que elas carregam conhecimentos adquiridos na interacção dentro do seu contexto, no qual participa activamente no quotidiano.

As duas visões aqui apresentadas mostram que enquanto os professores olharem para as crianças enquanto objectos, a dinamização das aulas será feita de forma unidireccional e se representa-los como actores sociais a aula será participativa e interactiva.

### **1.3. Representações da infância pelos professores**

Grácio (1998) mostra que as representações da infância variam com o tempo e espaço ou contexto social. Por sua vez, os adultos também são vistos, segundo este autor, como quem encaminha as crianças dentro da cultura para facilitar o seu desenvolvimento ensinando-lhes o ser, o saber e o saber fazer. Isto mostra que os adultos são vistos como aqueles que participam na interacção com os alunos para a construção da forma de ser, dos conhecimentos e das competências.

Neste caso, para Grácio (1998) a representação atribuída às crianças, é de indivíduos com necessidades básicas de afecto e educação. Na ideia deste autor podemos perceber que a representação das crianças pelo adulto é feita tendo como referência a ideia que os adultos fazem da infância.

O estudo de Luciano e Andrade (2006) que tem como título *representações de professores do ensino fundamental sobre o aluno* mostra um caso concreto, no qual foram entrevistados professores e observaram que trouxeram representações ligadas aos aspectos pessoais dos alunos que eram atribuídas pelos professores. Estas representações se resumem no bom aluno e mau aluno. Luciano e Andrade (2006) concluíram que os professores percebem bom aluno como aquele que apresenta características ou tudo que deseja ver nele e mau aluno como um “indisciplinado, insuportável, desatento, baixa estima, preguiçoso, briguento, rebelde, desinteressado, inquieto e sem suporte familiar”, (Ibidem, p.169). Que é visto como aquele aluno com dificuldades de aprendizagem.

Na mesma ordem, as constatações de Luciano e Andrade (2006) entram em concordância com as de Demathé e Cordeiro (2009). Demathé e Cordeiro (2009) fizeram uma pesquisa através da qual procuravam saber a representação social das professoras sobre a infância e observaram que tanto os professores como os pais traziam representações sobre características psicológicas das crianças e suas necessidades. Estes olham na imagem da criança como um ser com criatividade, com curiosidade, como sujeito activo, feliz, e somente os professores olham esta fase como de desenvolvimento de cuidados e afecto sendo a brincadeira importante.

Tanto o estudo feito por Demathé e Cordeiro (2009) como o de Luciano e Andrade (2006) constata que as representações feitas às crianças centram-se em elementos pessoais das mesmas. No trabalho de Grácio (1998) constatou-se que os educadores e professores concebem as crianças a partir das ideias que dela fazem sobre as necessidades destas e suas características que são atribuídas dentro da relação entre ambos. As crianças são vista também como seres que se encontram em desenvolvimento e que será um futuro adulto.

Demathé e Cordeiro (2009) mostram que outras representações estão inseridas na comparação que as professoras fazem sobre à infância do passado; que é o período da infância das professoras e afirmam que infância de hoje está ameaçada. A infância que as professoras tiveram exerce grande influência na forma como olham as crianças ou os alunos e isso tem influência nas práticas tomadas para a educação. Os brinquedos e as brincadeiras são marcas que diferenciam os professores, como adultos, dos alunos. Esse estudo de Demathé e Cordeiro (2009) mostra ainda que os professores declaram que as crianças de hoje são muito limitadas nas brincadeiras e

as famílias encaminham os filhos para outras instituições para que possam tomar conta delas pois os membros da família encontram-se ocupados com outras actividades.

Para Grácio (1998), as interacções entre o adulto e as crianças, no que diz respeito à educação que estes educadores veiculam, são influenciados pela representação que estes possuem sobre a criança. Esta representação dos adultos às crianças está ligada as normas que a infância deve seguir, ao papel, comportamento e o futuro que se espera destes pelos adultos.

Na mesma pesquisa, Grácio (1998) conclui que as crianças têm uma dupla representação. A primeira mostra que a criança é um ser bom. Esta representação é feita pelos educadores mas, por sua vez, a influência de factores externos podem contribuir para que este adquira um comportamento mau.

Esta comparação da representação da infância que Demathé e Cordeiro (2009) trazem sobre a infância de ontem e de hoje é sustentada por Grácio (1998), quando mostra que os educadores representam as crianças a partir daquilo que idealizam sobre elas, suas necessidades e características. Estas ideias influenciam na maneira como os professores interagem com os alunos pois estes não olham as crianças de hoje dentro do seu contexto; mas sim o fazem de forma comparativa, como nos apresentaram Demathé e Cordeiro (2009).

#### **1.4. Formulação do problema**

De acordo com a revisão da literatura apresentada, a interacção social entre os alunos e os professores encontra-se associada às representações ou expectativas que estes têm sobre as crianças. Neste caso, estas representações guiam-se nas duas perspectivas em que se olha para as crianças: a visão do aluno como sujeito e a visão do aluno como objecto. Dependendo da visão adoptada, a forma de educação poderá estar virada para o modelo construtivista ou tradicional.

Feito isto, torna-se relevante levantar a seguinte questão: *Qual é a relação entre a representação social dos professores sobre os alunos e a interacção entre estes na sala de aulas numa escola moçambicana?* Como resposta provisória à nossa questão levantamos a seguinte hipótese: a representação que o professor tem do aluno influencia na interacção entre estes na sala de aulas.

Portanto, identificamos as seguintes variáveis: Independente- Representação social do professor sobre o aluno, Dependente- Interação social na sala de aulas.

O objectivo geral do estudo é compreender a relação entre a visão do professor sobre o aluno e a interação entre estes na sala de aulas na escola primária moçambicana. Os objectivos específicos são: identificar as visões dos professores em relação aos alunos; caracterizar o tipo de relações existentes entre os professores e alunos na sala de aulas; analisar os factores que influenciam os diferentes tipos de relações entre professores e alunos.

### **Justificativa**

A razão de ordem pessoal que me levou a abordar este tema está ligada a minha experiência no trabalho como contador de histórias para crianças, tendo observado que alguns contadores ou professores são autoritários na interação com elas. E, por sua vez, os contadores não ouvem as ideias das crianças, baseando-se apenas no manual e nas histórias que têm para contar. A partir daí houve um interesse em estudar o assunto no contexto da escola primária. Na mesma ordem, o estudo de Palme (1992), mostra que o mais problemático é o facto de que mesmo se os alunos não aprendem o que os professores explicam usando o manual, estes educadores avançam para o cumprir com o programa, e os alunos vão pousando de classe em classe sem o conhecimento necessário. O que fez perceber que estes tentam impor a sua visão nos alunos não obedecendo a nova visão que foi materializada pela sociologia da infância sobre a criança como um actor social.

A relevância sociológica deste tema reside no facto de que com este estudo será possível ver como é que a construção social da infância influencia nas relações sociais no contexto da escola primária moçambicana. Neste sentido, procuramos observar a interação entre os educadores e as crianças olhando também para as representações que os primeiros fazem sobre a infância.

A relevância social do estudo é mostrar como é que a questão das crianças como sujeitos com direito a liberdade, participação e expressão é vista actualmente pelos professores no contexto da escola primária moçambicana. A documentação sobre a infância como actores sociais mostra que é preciso se criar condições para que os alunos (crianças) procurem construir conhecimentos que

os levem a um significado que se relacione com o seu conhecimento pessoal. Neste caso, os educadores devem ser sujeitos suficientemente preparados para interagir com os alunos e mediar as relações destes com o conhecimento e torná-los sujeitos capazes de construir conhecimentos e não simples reprodutores das matérias ministradas pelos professores na sala de aulas.



## II. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA SALA DE AULAS: UM ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Neste capítulo vamos apresentar a teoria que guiou a nossa pesquisa, a *teoria das representações sociais*, relacionando-a com o processo de construção de dados obtidos no campo de pesquisa. Mostraremos as imagens construídas por professores sobre os alunos e a partir delas veremos as representações que estes educadores constroem sobre as crianças. A teoria permite compreender como é que são formadas as representações dos professores sobre os alunos. Em seguida, mostramos a relação entre estas e a interacção na sala de aulas e por fim, discutimos o conceito de interacção pedagógica.

### 2.1. A teoria das representações sociais de Moscovici

Neste trabalho usamos a teoria das representações sociais que, nas ciências sociais, é vista como ponte entre a sociologia e psicologia. Segundo Cabecinhas (2004), esta baseia-se no pensamento social que resulta das crenças, experiências, troca de informações no quotidiano. Neste caso, os professores, no dia-a-dia olham para os alunos a partir das representações sociais. Esta teoria foi desenvolvida por Moscovici a partir do conceito de representação colectiva de Durkheim que, segundo Jovchelovitch, (*apud* Froy, 2011) são representações socialmente partilhadas de forma homogénea que estabelecem a coesão social.

Para Moscovici (*apud* Froy 2011), as representações sociais são ideias, conceitos valores, princípios opiniões que interferem na conduta dos indivíduos orientado a sua atitude, práticas e a forma como pensam sobre os outros. Cabecinhas (2004) enuncia dois processos que formam as representações sociais, que são a *ancoragem e objectivação*, através dos quais as pessoas familiarizam o desconhecido tornando-o conhecido.

Olhando para os processos de formação das identidades tendo em conta os dados encontrados no campo, observamos que no primeiro processo, na *ancoragem* há um conjunto de elementos que os professores organizam e que constituem imagens atribuídas aos alunos e são inseridos na visão do aluno como objecto e na visão tradicional. Os outros se inserem na visão construtivista

dos alunos como sujeitos. Estes conjuntos de imagens são seleccionados pelos professores e formam um todo. O segundo processo que se pode notar na representação é a *objectivação* no qual depois da organização e naturalização das imagens, os professores as usam para atribuir uma identidade aos alunos que antes eram sujeitos desconhecidos. Nesta etapa da *objectivação*, os alunos passam a ser representados pelos professores através de imagens de uma forma naturalizada.

Segundo Minayo, e Moscovici, citados por Froy, (2008), as Representações Sociais são imagens construídas sobre uma realidade. Isto significa que são dinâmicas e são também influenciados por factores internos e externos. Portanto, a representação dos professores que fazem parte de um grupo é construída tendo em conta a realidade envolvente. Esta teoria foi importante na nossa pesquisa na medida em que com ela foi possível ver que os professores são sujeitos que na sua interacção no quotidiano, constroem representações sobre os alunos da escola primária. Estas representações orientam a sua forma de agir na sala de aulas.

## **2.2. Os conceitos**

### **2.2.1 Representações sociais**

Nesta secção, vamos falar sobre as representações e imagens sociais onde explicaremos as representações sociais e o seu processo da formação. Em seguida, iremos trazer a explicação sobre a construção das imagens sobre as crianças. No terceiro e último subcapítulo mostraremos como é que as crianças são representadas, como objectos e como actores sociais, pelos professores.

*“As representações sociais colectivas podem ser definidas como representações sobre a sociedade e o que nela acontece que habitam nas mentes individuais e que são partilhadas por um número elevado de indivíduos”* (Colonna, 2012, p. 27). Na mesma posição, Cabecinhas (2004) acrescenta que as representações sociais enquanto sistemas de interpretação regulam as relações entre os indivíduos e orientam as nossas acções, elas intervêm na construção de identidades pessoais e sociais. Estes autores defendem a posição de que as representações

interpretam a sociedade, atribuindo características, identificações que são feitas a partir de visões partilhadas ao nível de um determinado grupo.

Sustentando, Cabecinhas (2004) refere também que elas formam sistemas e criam imagens que em seguida os atribui significados. Para Colonna (2012), estas imagens podem ser naturais e construídas. Naturais quando formadas na mente dos indivíduos dentro do seu contexto de convivência na interacção, no seu quotidiano e as construídas são as que diferentes actores difundem tendo em conta interesses diferentes do grupo.

*“As representações colectivas tendem a estruturar-se nas mentes dos actores sociais em imagens da sociedade e dos actores sociais que tem a evidência de um objecto e que dificilmente são questionadas”*, (Colonna, 2012, p. 28). Esta autora acrescenta que estas representações podem ser apelidadas de imagens convencionais da sociedade por serem compartilhados por determinado grupo e com significados próprios. Com isso, compreende-se que os actores sociais no quotidiano criam representações através de imagens e, em seguida, as atribuem significados que são partilhados pelo grupo na interacção dentro de um determinado contexto social.

Segundo Valá (*apud* Cabecinhas, 2004), as representações utilizam três critérios: o critério quantitativo, o critério genético e o critério funcional. O critério quantitativo considera que a representação é denominada social quando é partilhada por um conjunto de indivíduos. No critério genético chama-se uma representação de social quando é produzida por uma colectividade, isto é, quando é criada por um grupo social. No critério funcional as representações sociais conduzem a comunicação e acção. Estes critérios fazem-nos compreender que as representações sociais são criadas e partilhadas por um conjunto de indivíduos e que em seguida orientam a interacção dos mesmos.

Neste sentido podemos citar Moscovici (*apud* Froy 2011), quando diz que as representações sociais são conceitos, valores, princípios, opiniões e que ao interferir na conduta dos indivíduos, irá orientar a sua forma de agir, significa que elas influenciam as suas atitudes e práticas e o que estes pensam sobre o mundo circundante.

Neste subcapítulo vimos que as representações sociais estão inseridas na compreensão do mundo, tendo em conta os conceitos elaborados ao nível do grupo. Estas, são feitas através de

imagens da sociedade que são criadas e atribuídas significados por um grupo que está em constante interacção no quotidiano.

### **2.2.2 Representações sociais dos alunos pelos professores**

Abric *apud* Froy (2011) define representação social como, resultado, e processo de uma actividade mental na qual um indivíduo ou um grupo constrói o real com qual ele é confrontado e lhe atribui uma significação específica. A representação do aluno como objecto insere-se no que Melo e Bastos (2012) chamaram de visão tradicional em que este é visto como um simples consumidor de saberes transmitidos pelos professores e é um agente passivo no processo de ensino e aprendizagem. Por sua vez, a representação do aluno como sujeito associa-se a visão construtivista que na visão de Melo e Bastos (2012) coloca os alunos como sujeitos capazes de construir conhecimentos e a representação dos alunos como objectos.

Neste caso, se olharmos para os professores na visão de Primo e Alex (2001) como aqueles cujo seu objectivo é ensinar responsabilizando-se por promover o ensino, e se responsabilizam pela aplicação do sistema educacional a partir dos saberes que são passados aos alunos entendemos representação social dos professores em relação aos alunos como um conjunto de ideias partilhadas por professores e que a partir delas olham para os alunos dentro do sistema de ensino e aprendizagem.

Esta abordagem está associada a ordem do trabalho na medida em que partimos do pressuposto de que os professores apresentam representações em relação aos alunos. Neste caso, este conceito ajudou a observar o significado que os professores atribuem aos alunos uma vez que estes influenciam no aproveitamento pedagógico do aluno e na construção do conhecimento.

#### **a. Representações dos alunos como objectos (visão tradicional)**

São duas as visões que se inserem dentro do processo de ensino e aprendizagem nas quais temos a perspectiva tradicional e a construtivista, segundo Melo e Bastos (2012). A perspectiva tradicional limita-se na simples transmissão de conhecimento aos alunos como mostram Melo e

Bastos (2012). Neste caso, os alunos são vistos aqui como objectos que estão somente para consumir o que é transmitido pelos professores onde não devem problematizar nenhuma forma de conhecimento. Nesta visão, os alunos são obrigados a seguir as instruções dos professores de forma acrítica, não acrescentando nem diminuindo nada daquilo que for transmitido.

Portanto, a representação dos alunos pelos professores como objectos insere-se na ideia de que o aluno é um ser sem capacidade de construir conhecimento e, por essa razão, deve submeter-se ao conhecimento transmitido pelos professores reproduzindo-o com toda fidelidade. O surgimento da sociologia da infância passa a se preocupar em ultrapassar essa visão dos alunos como objectos na qual, segundo Fabiano (2009), as crianças à semelhança dos adultos não são passivas a espera que outros as eduque mas também são protagonistas.

#### **b. Representações dos alunos como actores sociais (visão construtivista)**

A perspectiva construtivista, segundo Melo e Bastos (2012), coloca os professores não como mestres e únicos detentores de conhecimento mas sim como mediadores da interacção para a construção do conhecimento, fazendo com que os alunos sejam também sujeitos capazes de criar. Na mesma ordem, Sanches e Mahfoud (2010) Trazem uma abordagem na qual mostram uma ideia de que o ponto central do construtivismo é não olhar o conhecimento como uma reprodução de saberes. Esta construção do conhecimento. Segundo Lajonquière, *apud* Sanches e Mahfoud (2010), é resultado de uma reconstrução do que já existe e não se dissocia da interacção.

Neste caso, a construção do conhecimento está ligada a conhecimentos anteriores que são reconstruídos para posteriores. Esta visão vem defender a ideia de que o conhecimento é construído e reconstruído, elaborado e reelaborado, isto é, há transformação é dinâmica e que todos actores sociais são capazes de construir conhecimento.

Na mesma ordem, Pires (2012) mostra que o conhecimento é algo que o indivíduo adquire dentro da sua realidade e do contexto que se encontra inserido a partir de uma construção histórica e social. Neste caso, para este autor, a escola tem a função de criar condições para que os alunos

organizem o conhecimento que adquirem na cultura ou noutros lugares fora do espaço escolar sistematizando-o com o conhecimento científico. Não se deve olhar o sujeito como passivo, mas sim deve-se levar em conta conhecimentos prévios do aluno e considerando o seu papel activo na construção do conhecimento. Nessa ordem, para este autor, a aprendizagem numa visão construtivista não se deve limitar a formalidades mas sim tem que estar num processo de construção do sujeito que está em constante compreensão do mundo.

### **2.2.3 Interacção pedagógica**

Na discussão do conceito de interacção, olhando para a abordagem de Lakatos e Marconi (2006) vimos que é uma reciprocidade das acções exercidas por indivíduos na sociedade, nesse caso, este tipo de relação envolve orientação de dois ou mais indivíduos em contacto. Esta envolve também um conjunto de significados compartilhados num determinado meio e as expectativas em relação às acções das pessoas. Esta abordagem é sustentada pela ideia de Libâneo (2001) quando mostra que a educação como fenómeno social não ocorre de forma isolada com o contexto das relações sociais de uma determinada sociedade.

Para Mead *apud* Turner (1999, p.62) a “essência da interacção é a emissão de gestos e sinais” e diz ainda que a interacção “é um processo de emissão e recepção de gestos”. Neste caso, Mead *apud* Turner (1999) diz que existem símbolos culturalmente definidos com significados partilhados pelos indivíduos como referiu Turner (1999). Com esses, é possível interpretar os significados e fazer com que os homens partilhem os mesmos e dêem sentidos as suas acções na interacção. Os símbolos partilhados ajudam na ligação entre os indivíduos nas suas crenças culturais, etc.

Estes autores convergem na definição do conceito de interacção ao se centrarem na partilha de símbolos e que no processo da sua emissão eles atribuem significados aos mesmos e dessa forma ocorre a interacção. Estes valores símbolos e significados podem ser partilhados na interacção entre os professores e os alunos no processo da formação dos segundos na sala de aulas.

Olhando para a Pedagogia na visão Libâneo (2001) percebemos que no sentido geral é uma área de saber sobre o problema da educação na sua totalidade. No restrito, a pedagogia está associada

a formação das crianças na escola usando “*processos educativos, métodos, maneiras de ensinar*” (Libâneo (2001; p.6). O sentido restrito da pedagogia referido por Libâneo (2001) mostra que na sala de aulas há um conjunto de metodologias usadas para a formação das crianças que são usadas na interação entre o professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem.

Sendo assim, neste trabalho entendemos interação pedagógica como partilha símbolos e troca significados entre os professores e os alunos na sala de aulas no processo de ensino e aprendizagem.

Com a apresentação dos conceitos de interação e representação social concluímos que estes estão relacionados. Esta relação está no facto de que o conceito de representação social, segundo Moscovici *apud* Froy (2011), está inserido na compreensão do mundo tendo em conta os conceitos elaborados ao nível do grupo. Por sua vez, a compreensão do mundo é construída dentro da interação entre os indivíduos dentro dos grupos nos quais fazem parte.

### **III. METODOLOGIA**

No presente capítulo, queremos mostrar os procedimentos metodológicos que tornaram possível a nossa entrada no campo, a recolha e análise de dados. Trazemos em primeiro lugar a caracterização da escola onde foi feita a pesquisa. Em seguida, apresentamos o número de professores que participaram na pesquisa e como é que estes foram seleccionados. Para continuar apresentamos os caminhos usados na recolha e análise de dados. Pretendemos apresentar também como é que a identidade do pesquisador influenciou nas aulas, quais foram as suas principais dificuldades, as questões éticas e os constrangimentos encontrados na realização do estudo.

#### **3.1. Caracterização do contexto da pesquisa**

O nosso campo de estudo foi a Escola Primária 1 de Junho em Maputo. Situada no bairro George Dimitrov, uma zona suburbana. A escola tem um fácil acesso pois encontra-se na Avenida de Moçambique. A maior parte dos alunos não usam transporte para chegar a escola, o que nos faz perceber que vivem no mesmo bairro ou não muito distante. É uma das mais antigas nesta zona, pois foi inaugurada em 1936. Esta é uma escola primária completa, isto é, lecciona da 1ª até 7ª classe e todos os alunos recebem aulas nas salas de aulas mas nem todas salas possuem carteiras, nalgumas delas os alunos recebem aulas sentados no chão. Todos alunos vão escola trajados de uniforme, isto é, calças ou saias de cor azul e camisas brancas. A escola possui seis turmas da primeira classe e todas elas estão no período das 10:30 às 13:30 horas. As turmas da 1ª classe têm em média 50 alunos.

#### **3.1. Definindo os professores como nosso objecto de estudo**

O nosso universo foi constituído por professores da Escola Primária 1 de Junho, de sexo masculino e feminino. Para definir a nossa amostra orientamo-nos pela amostragem intencional que consistiu na selecção do grupo que pretendíamos estudar e que na visão de Gil (1989), esta



permite a selecção de um subgrupo na população. Para tal, nos dirigimos à secretaria da escola que por sua vez nos indicou uma professora que nos encaminhou às salas e aos professores da 1ª classe. O grupo seleccionado são professores da 1ª classe pois é com estes que os alunos que ingressam nesta classe têm o primeiro contacto com a escola.

A nossa amostra foi constituída por seis professores que leccionam a primeira classe, seleccionados de forma intencional, sendo que a amostra corresponde igualmente ao número de turmas da primeira classe que a escola possui. Portanto, todos os professores da 1ª classe da escola primária completa 1 de Junho foram envolvidos.

### **3.2. Caminho para Recolha e análise de dados**

Para o nosso trabalho, levamos a hipótese de que “As representações que os professores têm dos alunos influenciam na interacção com estes na sala de aulas”. Neste caso, fez-se a recolha de dados que permitiu testar a nossa hipótese.

Nesta pesquisa, procurou-se descrever as experiências tal como são na sala de aulas onde observamos o dia-a-dia das aulas. Prestamos igualmente atenção na forma como é socialmente interpretada a realidade e como é que os professores são importantes na construção do conhecimento como manda o procedimento fenomenológico, segundo Gil (1989). Tentamos observar como é que cada professor, ao dirigir as suas aulas, olha para os alunos. Neste caso, aqui procuráramos olhar as interpretações que os professores fazem dos alunos nas aulas e como é que se relacionam no seu dia-a-dia.

A recolha de dados no campo foi feita através de duas técnicas: a primeira foi observação sistemática directa que foi importante na recolha de dados sobre as interacções entre os professores e alunos nas aulas. A segunda foi a entrevista semi-estruturada que para além de ter colhido dados sobre a interacção recolhemos discursos sobre as representações. Na observação sistemática directa, o pesquisador entrou em contacto directo com o campo, tendo permanecido na sala de aulas a assistir as aulas como recomenda esta técnica, segundo Lakatos e Marconi (2006). As observações eram anotadas no diário do campo.

Foi possível perceber, no decorrer das aulas, a forma como professores e os alunos interagem na aula e que imagens os primeiros constroem sobre os segundos. No nosso trabalho observamos as aulas em seis salas da primeira classe. No início, por dia o pesquisador ficava numa turma a assistir às aulas do primeiro ao último tempo. Mas, por causa do mau estar que o pesquisador causava aos professores com a sua presença, passou a assistir apenas no período das 10:30 às 12:30 e das 12:30 às 13:30. A partir daí observava duas turmas por dia. A outra técnica que guiou o trabalho para a recolha de dados foi a entrevista semi-estruturada. Seguindo as recomendações de Andrade (2001) preparou-se um guião de entrevista que orientou o desenvolvimento da pesquisa e ao longo da mesma foi possível fazer algumas questões que não constavam do guião. O guião encontrava-se dividido em cinco partes: a primeira tratava dos dados pessoais do entrevistado e questões para a introdução da conversa. A segunda parte levava questões sobre como é que os alunos são, a seguinte sobre o que eles sabem, a outra era sobre o que os alunos sabem fazer (competências) e a última sobre mecanismos de interação nas aulas. Todos professores entrevistados aceitaram gravar as entrevistas depois de se ter explicado que a gravação não teria nenhum impacto negativo na sua vida, nem na sua carreira, mas era apenas para o uso do pesquisador e que não iria partilhar as mesmas com mais ninguém. A recolha de dados foi feita usando duas técnicas: a observação sistemática directa e a entrevista semi-estruturada. Nesta ordem, as observações eram registadas no caderno de campo e em seguida transcritas e organizadas por categorias. Nas entrevistas também foi seguido o mesmo processo no qual as entrevistas foram gravadas e depois transcritas e organizadas por categorias.

### **3.3. Identidade do investigador**

Um aspecto importante que influenciou na pesquisa é o facto de o pesquisador ser um estudante do ensino superior. Há preconceitos segundo os quais um estudante universitário é um sujeito dotado de muitos conhecimentos e alguns professores, sempre que se equivocavam num aspecto relacionado a aula, depois iam-se justificar no pesquisador. Estas ideias fizeram com que a presença do pesquisador na sala de aulas incomodasse o professor que acabava dando a aula não da forma como tem feito e por essa razão alguns acabavam dando pouco conteúdo.

A presença do pesquisador na sala de aulas influenciou também na dinâmica das aulas na medida em que os professores chamavam, nas intervenções para o quadro os mesmos alunos, o que nos fez entender que os representava como aplicados e isso deixaria uma impressão no pesquisador de que os seus alunos sabem resolver exercícios. Na escola, o pesquisador foi visto também como professor onde, num dos dias, quando um professor se atrasou foi solicitado para dar aulas enquanto ficava a espera do professor que estava a caminho.

### **3.4. Questões éticas, constrangimentos e limitação do estudo**

A primeira coisa que se fez no primeiro contacto com a escola que serviu como nosso campo de pesquisa foi se dirigir à direcção para entregar o credencial e pedir a assinatura do termo de consentimento pelo director da escola que permitiu o início da pesquisa logo no dia seguinte. Assim, logo no primeiro dia da pesquisa, uma professora que recebeu a tarefa de guiar o pesquisador, mostrou-lhe a primeira sala para efectuar as observações. Mas, antes de entrar na sala, o pesquisador teve que explicar a mesma sobre o procedimento da pesquisa, a importância de participar e a não existência de riscos.

Todos os professores da 1ª classe foram informados pela direcção da escola sobre a presença do pesquisador. Quando chegou o período das observações, o pesquisador se dirigiu à sala e só no intervalo conversava com os professores. O que indica que estes eram obrigados a fazer parte da pesquisa pelo facto de a direcção da escola ter autorizado. Os professores recebiam o pesquisador, mostravam um lugar para este se sentar na sala de aulas e no período do intervalo o pesquisador se dirigia ao professor para explicar sobre a sua estadia naquele lugar e como ia decorrer a pesquisa. Em seguida, assinavam os termos de consentimento. Ai, explicava-se a não existência de riscos em participar na pesquisa e que primeiro consistiria na observação na sala de aulas e depois de ter completado todas as turmas da primeira classe, iria começar a segunda fase que seria das entrevistas.

Para as entrevistas, alguns professores preferiam que fossem feitas logo depois da observação na sala de aulas. Em relação aos restantes professores, o pesquisador ia ao seu encontro para juntos marcarem o período e o espaço das entrevistas. O uso do gravador foi feito mediante a

autorização dos entrevistados depois de se ter explicado a não existência de riscos e somente um professor não quis gravar a entrevista. Todos os professores optaram em fazer as entrevistas dentro da sala de aulas e no período das aulas enquanto os alunos ficavam a resolver exercícios. A escolha deste espaço pelos professores para fazer as entrevistas deveu-se ao facto de eles terem afirmado que aquele era o único momento disponível para eles. Isso criou uma desconcentração dos professores pois para além de estarem nas entrevistas tinham que controlar os alunos.

No que diz respeito as limitações no campo, foi possível constatar que a presença do pesquisador nas salas de aulas onde se encontrava sentado junto dos alunos fez com que os ficassem distraídos e que o professor levasse tempo a chamar atenção dos alunos. Uma professora informou que a presença de qualquer que seja pessoa na sala de aulas fazia com que ela não se sentisse a vontade independentemente do que esse indivíduo estivesse a fazer ou pretendesse na sala. A outra limitação é o facto de a nossa pesquisa ter uma amostra reduzida o que limita a generalização dos resultados.

Vários factores interferiram no decorrer da pesquisa, um deles é o facto de as entrevistas terem sido feitas no período das aulas e dentro da sala de aulas onde o barulho que os alunos provocavam dificultava a dinâmica da entrevista. Enquanto entrevistava os professores, por vezes, estes tinham que parar para mandar os alunos não fazer barulho. A escolha das salas de aulas para fazer entrevistas na presença de alunos deveu-se ao facto de alguns professores alegarem falta de tempo no período depois das aulas pois tinham que sair e correr para casa cuidar doutros assuntos. Neste caso, ao longo das entrevistas o professor interrompia para explicar e corrigir algo sobre a aula, ou seja, a aula e a entrevista decorriam no mesmo momento.

#### IV. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A INTERAÇÃO ENTRE OS PROFESSORES E ALUNOS.

Nesta parte queremos trazer os dados colhidos no campo e a sua respectiva análise. Em primeiro lugar iremos caracterizar os professores e a sua relação com os alunos. Em seguida, iremos mostrar as diferentes imagens que os professores atribuem aos alunos e o tipo de interação que estes exercem na sala de aulas. Por último, faremos uma discussão que prova a existência da relação entre as representações sociais dos professores sobre o aluno e a interação que estes exercem na sala de aulas.

##### 4.1. Características dos professores inquiridos

Nesta parte, pretendemos descrever as características do nosso grupo de professores entrevistados, mostrando as suas características sociodemográficas, isto é, o seu local de formação, o nº de entrevistados, o sexo de cada um deles, a idade, e quando é que iniciaram as suas funções. Em seguida, indicaremos a visão destes sobre a sua profissão e os motivos que lhes leva a exercer esta actividade. O quadro que segue ilustra os dados colhidos no campo sobre as características sociodemográficas dos professores.

Professores	Início das funções	Sexo	Idade	Local de formação
P.I	1987	F	...	Inhambane
P.II	1976	F	55	IMAP, UP
P.III	1996	F	38	C.F.P da Munhuana
P.IV	2011	F	29	C.F.P da Munhuana
P.V	2010	F	...	.....
P.VI	1987	M	48	Beira

**Quadro 1.** Características sociodemográficas dos professores

O quadro 1 mostra que o nosso trabalho de pesquisa foi realizado com seis professores de ambos sexos, dos quais cinco são do sexo feminino e um do sexo masculino, com idades compreendida entre 29 e 55 anos. Estes professores leccionam a primeira classe na Escola Primária 1 de Junho em Maputo e nesta pesquisa foi possível detectar que a maioria dos entrevistados é do sexo feminino.

Estes são provenientes de diferentes instituições de formação de professores nos quais: Centro de Formação de Professores da Munhuana (CFPM), Instituto Magistério Primário (IMAP) da Munhuana e Universidade Pedagógica (UP), e dois deles foram formados fora de Maputo sendo um na Beira e outro em Inhambane. Todos encontram-se a dar aulas da 1ª classe na escola que constitui o nosso campo de estudo. Três dos professores foram formados no Centro de Formação da Munhuana (CFPM) e um deles continuou com os seus estudos na Universidade pedagógica (UP) onde fez a licenciatura e encontra-se a frequentar um curso de mestrado e o professor mais velho deste grupo iniciou as suas actividades em 1976 e a mais nova em 2011. As partes do quadro que vem em tracejado significam que não tivemos acesso a informação. E quanto aos locais de formação, onde temos as províncias e não o nome da instituição, é pelo facto de os professores não terem citado os locais onde tiveram a capacitação.

Nesta fase discutimos as características sociodemográficas dos professores e observamos que dos entrevistados, somente um é do sexo masculino e os restantes cinco são do sexo feminino e ao longo das entrevistas alguns professores não divulgaram a sua idade e somente um é que frequenta o ensino superior.

#### **4.2. Visão dos professores sobre a sua profissão**

Neste subcapítulo apresentamos a forma como os professores da escola primária olham para a sua profissão e trazemos evidências das metodologias que eles têm adoptado para se relacionar com as crianças.

No que diz respeito a visão dos professores sobre a sua profissão, foi possível notar que a maioria deles afirma que gosta de exercer a sua profissão pois se sente bem trabalhando com as

crianças como mostram as declarações a seguir. “*Gosto do trabalho que faço*”. (Entrevista à Professora.I, 28-07-2014). “*Gosto de dar aulas as crianças*” (Entrevista à Professora.I, 04-07-2014). Para estes professores, dar aulas é uma forma de encaminhar as crianças para que futuramente possam ser bem-sucedidas. Vejamos o seguinte trecho, em que o professor declara que dá aulas as crianças “... *como uma forma de ajudar a mostrar o caminho, pois é nesta fase em que a pessoa começa a compreender as coisas, é com esta idade que a pessoa começa a saber o que quer na vida e quem deve abrir o caminho são os adultos, o caminho para o futuro das crianças*” (Entrevista à Professora.II, 24-07-2014).

Os professores não falam da vantagem de dar aulas olhando para o benefício próprio, mas sim como uma maneira de preparar o futuro da criança e ajudar o aluno na compreensão do mundo. A entrevista a seguir enfatiza essa ideia: “*Em relação aos alunos tenho sentimento de transmissão de saber a eles*” (Entrevista à Professora.III, 28-07-2014).

Essas declarações não só mostram que os professores afirmam que gostam de trabalhar com crianças da 1ª classe, mas também evidenciam que estes são transmissores de saberes para estes alunos.

Neste caso, muitos professores partilham dessa posição e um deles afirmou o seguinte: “*Gosto de dar aulas. Na altura era muito diferente de agora porque agora as pessoas ingressam no ensino por falta de emprego mas na minha altura não havia isso, a pessoa escolhia.*” (Entrevista à Professora.II, 04-07-2014).

Essa passagem mostra que esta professora ingressou ao ensino por iniciativa própria e não por falta de opção pois no passado eles tinham várias opções mas actualmente a adesão a essa área, actualmente, deve-se a falta de emprego.

Um professor apresenta uma particularidade na medida em que mostra que a escolha da profissão não foi livre mas apesar disso gosta desse trabalho. “*Gosto do trabalho que faço mas quando fui enviada para ter a formação de professor não foi da minha livre vontade*”. (Entrevista à Professora.IV, 04-07-2014).

“ Me sinto sossegada em dar aulas as crianças, fiquei habituada e gosto de ficar com as crianças”. (Entrevista à Professora.I, 04-07-2014). Na mesma linha pode-se associar a ideia de que o professor que ficou habituado com as crianças no princípio não se sentia bem com a profissão, mas com o andar do tempo foi se habituando. Nesta parte, foi possível ver que todos os professores gostam da sua profissão mas nem todos entraram na área por opção. Mas, à medida que iam dando aulas foram se habituando e se apaixonando com a profissão.

Todos mostraram que gostam do trabalho que fazem e a sua relação com os alunos é boa. E notou-se também que os professores são quem ensinam as crianças sobre a vida e mostram como devem se comportar no presente e futuro. O professor olha para si como um guia que indica o caminho aos alunos a partir da 1ª classe que é uma fase inicial de descoberta.

### **4.3. Relação entre professores e alunos nas aulas**

Nesta parte do trabalho pretendemos olhar para a interacção entre os professores e os alunos na sala de aulas com o propósito de compreender como é que ambos se comunicam e que elementos caracterizam o relacionamento destes na sala de aulas.

Nas nossas entrevistas, todos os professores afirmaram que a sua relação com crianças na sua profissão é positiva conforme foi possível detectar numas das entrevistas “*a minha relação com eles é boa*” (Entrevista à Professora.V, 08-07-2014). O outro diz também que a sua relação com os alunos “*é uma relação amigável*” Professor 1. Estes professores mostram que se relacionam de boa forma com os seus alunos e fazem esse trabalho com amor.

Apesar da boa relação que os professores dizem ter com os alunos, estes afirmam que é difícil trabalhar com as crianças por causa do seu comportamento e então elas precisam de um tratamento específico.

A relação entre mim e os alunos em geral é boa. Só que criança que é criança, criança que sempre foi criança... é um pouco difícil trabalhar com ela porque ela ainda tem aquele comportamento de mamã-papá<sup>1</sup>. Tudo para ela é uma brincadeira. A melhor coisa é brincar com a criança ensinando. Porque se você põe tudo na rigorosidade a criança vai ficar como

---

<sup>1</sup>Comportamento de mamã-papá - Comportamento infantil na linguagem comum



medo e não vai aprender nada e a ela não deve ter medo do professor... (Entrevista à Professora.IV, 29-07-2014)

Neste caso, para este professor a melhor forma de se relacionar com a criança é fazer com que ela não tenha medo do professor e, para tal, é necessário brincar com ela e convidá-la a aprender, pois tudo, ela trata como brincadeira. Nesta ordem, há professores que partilham a ideia de que para poder dar aulas e interagir como aluno da melhor forma é preciso interagir com ela usando brincadeiras como ilustra a declaração a seguir:

*“Primeiro é preciso motivar as crianças, isto é, dar uma conversa motivadora para poder integrar a criança na aula.”* (Entrevista à Professora.I, 04-07-2014) Todos os professores afirmaram que para criar um interesse na aula deve-se motivar o aluno para que esse se concentre. Estes professores olham para motivação como uma metodologia pedagógica para conduzir o aluno ao ensino e aprendizagem e estes afirmaram que usam a conversa e as brincadeiras para poder reter o aluno concentrado na aula.

Estes professores dizem que ao motivar o aluno ele irá se interessar pela aula e o professor terá espaço para proceder com o seu trabalho de ensino. E, no mesmo diapasão, o professor abaixo refere que:

Quando são motivados, apresentam aquela vontade de estar com a professora, de apanhar a aula porque chegaram a professora na aula e mostrar aquela cara de nervosa, acho que a criança fica com medo e não vai apanhar nada, a criança sente-se ameaçada. Então, a criança tem que se sentir livre na sala. (Entrevista à Professora.I, 04-07-2014)

Usando essa metodologia de conversa para integrar os alunos na aula, a declaração do professor abaixo mostra o conteúdo da conversa que levam dentro da sala de aulas com os seus alunos e afirma o seguinte: *“costumo conversar um pouco com elas, conversar sobre coisas que eles fazem e que devem fazer, para o seu bem-estar, explicar sobre a vida como é e como não é, explicar mais ou menos qual é o caminho que eles devem seguir. Bons caminhos.”* (Entrevista à Professora.III, 28-07-2014)

Mas existe outros professores que dizem que interagem com os alunos colaborando com eles na elaboração de conteúdos das aulas como mostra o excerto: *“o professor e o aluno colaboram na elaboração conjunta. Onde o professor tem que aceitar tudo que o aluno diz, mas não pode*

*aceitar coisas erradas. Mas se deve aproveitar o que se diz e tirar boas coisas.”* (Entrevista ao Professor. VI, 17-07-2014)

Os professores que aceitam trabalhar com os alunos na elaboração da matéria colocam uma condição nessa técnica que é a selecção dos conteúdos aproveitáveis nas contribuições. Este professor faz entender que nem todos conhecimentos que as crianças trazem são aproveitáveis. Algumas das ideias dos alunos são apresentadas pelas próprias crianças no quadro como mostra o excerto abaixo: *“Na sala fazemos uma elaboração conjunta não vou trabalhar sozinha tenho que trabalhar havendo interacção entre professor e aluno, faço perguntas as crianças respondem e se é para escrever no quadro mando-os para o quadro”*. (Entrevista à Professora.I, 04-07-2014). Isto mostra que não são todas as intervenções ou ideias que são consideradas validas pelo professor.

Quando assistimos as aulas foi possível detectar em todas as salas onde os alunos cumprimentam o professor no princípio da aula como ilustra a observação.<sup>1</sup> *“Os alunos entram na sala e, em seguida, o professor também entra, eles se levantam e cumprimentam a professora e depois disso a professora manda os sentar.”* (Diário de Campo, 04 de Julho de 2014)

Este é um tipo de comportamento observável em quase todas as turmas onde estivemos e este acto é respeitado por todos os alunos e os professores são muito exigentes nesse aspecto. Sempre que os professores entram na sala no princípio das aulas eles exigem o TPC dos alunos e alguns professores optam pela violência para os alunos que não fazem este trabalho como é o caso de um dos professores que exigindo o TPC aos alunos passa de carteira em carteira cometendo violência física.

*“Uma aluna que não tinha feito se esconde debaixo da carteira e os colegas denunciam.”* (Diário de Campo, 07 de Julho de 2014) A professora agride a aluna com carolos<sup>2</sup> gritando as seguintes palavras *“ quem te ensinou isso...”*. (Diário de Campo, 07 de Julho de 2014). Pelo facto de o aluno ter-se escondido por não ter feito o trabalho de casa, compreendemos que eles sabem que quando não obedecem são violentados. Esse comportamento da aluna mostra que a

---

<sup>2</sup>Agressão física na cabeça com ponta dos dedos da mão

violência para com os alunos que não fazem o trabalho de casa é recorrente e a comunicação entre aluno e professor é mediada pela violência.

O mesmo professor que agride a aluna que não fez o trabalho de casa afirma na sua entrevista que a sua relação com os alunos é boa o que passa a ser contraditório com o acto da violência que se observou. O outro indicador da contradição da declaração do entrevistado-agressor é que *“A professora grita para os alunos alegando que estão a provocar barrulho. Por sua vez, os alunos se comunicam pouco na sala de aulas.”* (Diário de Campo, 11 de Julho de 2014)

Vimos também na observação que numa das turmas quando o professor exerce uma: *“Comunicação por meio da violência através da qual o professor chama atenção batendo muito forte sempre com régua de madeira na mesa”*. (Diário de Campo, 17 de Julho de 2014)

Esse comportamento do professor bater a régua na mesa violentamente para chamar a atenção dos alunos com o barrulho é recorrente com outros professores. *“Professora bate com força na mesa e ameaça bater nos alunos alegando que estão a provocar barrulho e não estão a fazer o trabalho e diz ao entrevistador que eles são irrequietos”*. (Diário de Campo, 08 de Julho de 2014).

Os professores usam a violência para que os alunos se mantenham no silêncio e considera a estes barulhentos. Existe professores que nas nossas entrevistas afirmaram que estabelecem uma boa relação com os alunos na sala de aulas, mas estes mostraram em algum momento da entrevista e nas observações que se comunicam com os alunos de forma autoritária usando a violência física e psicológica. Esta forma de interacção é, na visão de Fabiano (2012) é vista como tradicional pois o professor tende a usar medidas autoritárias para manter a comunicação dentro da sala de aulas.

Há uma diferença naquilo que alguns professores dizem e o que fazem na sala de aulas pelo facto de se ter observado que alguns professores que alegaram se relacionar de boa forma com os alunos pautarem pela violência física e psicológica criando um ambiente de medo na sala de aulas.

Por sua vez, há professores que acham que o melhor método para chamar a criança à aprendizagem é brincando com ela e a partir daí ela poderá aprender brincando. Estes

professores optam pela elaboração conjunta que é feita a partir de conversas, e brincadeiras com os alunos na construção de conteúdos a serem leccionados.

A interação entre os alunos e os professores é caracterizado por duas maneiras: há professores que interagem com os alunos com mecanismos de violência física ou psicológica, que se manifestam quando exigem o TPC pois consideram difícil trabalhar com estes sujeitos; há outros professores que alegam usar as brincadeiras para motivar as crianças nas aulas. Este facto nos leva a perceber que os professores usam a forma construtivista como a tradicional para dinamizar as suas aulas.

#### **4.4. Comportamento dos alunos na visão dos professores**

Nesta secção, iremos falar das representações dos professores, sobre a forma como os seus alunos se comportam dentro da sala de aulas, e mostraremos também por que razões as crianças adoptam essa forma de comportamento na visão dos educadores. Por fim, mostraremos as implicações desse comportamento na sua aprendizagem segundo os professores.

Um professor declarou que o futuro da criança pode ser definido a partir da forma como este se comporta, isto é, se ela agir de uma forma que o professor representa como característica de um aluno que será bem-sucedido, existe um conjunto de indicadores que o permitem identificar. Vejamos a declaração da entrevista abaixo:

É com essa idade que nós conseguimos distinguir que essa criança futuramente será alguém por causa do comportamento, tem que saber ouvir. Há algumas crianças que não sabem ouvir e com essas é preciso ter um bocado de paciência. (Entrevista à Professora.II, 24-07-2014)

Neste caso, para os professores, os indicadores dos que futuramente podem ter sucesso são os que sabem ouvir e os que não sabem ouvir precisam de uma assistência diferente por parte do professor. Esta posição pode ser associada à ideia de que os alunos que sabem ouvir são os representados como aqueles que se comportam de forma positiva e são considerados como aqueles que apresentam bom comportamento ou bons alunos. E os que não sabem ouvir são os que tem mau comportamento. Existem alguns professores que consideram o comportamento dos

alunos da 1ª classe na sala de aulas bom, alegando que este é assim de natureza pelo facto de estes serem crianças.

Neste caso, por elas serem crianças, para os professores elas não devem ser atribuídas características negativas. *“Comportam-se bem, para criança não existe um comportamento mau. No ensino primário de 1ª a 5ª não existe aluno indisciplinado. A criança varia e a professora tem que saber o que fazer.”* (Entrevista à Professora.I, 04-07-2014)

*“As crianças na aula têm um comportamento normal ou razoável por elas serem crianças”.* (Entrevista ao Professor. VI, 17-07-2014). Sustentando essa posição, numa entrevista uma professora declarou que:

Como vê, são crianças são bebés, é só ver como estão aqui toda hora heeeeeee<sup>3</sup> chamar atenção por vezes tenho que me levantar, não são indisciplinados, são crianças, é difícil conter uma criança desse nível para ficar concentrada durante muito tempo. Quando a professora fica muito tempo só concentrada na aula, elas ficam distraídas e desinteressadas pela aula e ficam a fazer suas coisas. Então, para evitar isso, é preciso criar um espaço de ficar a conversar e interagir com elas. (Entrevista à Professora.III, 28-07-2014)

Portanto, os alunos, para estes professores, não são indisciplinados, pois o comportamento que eles têm de desconcentração e de provocar barulho deve-se ao facto de eles serem crianças e o professor deve criar medidas para poder despertar a concentração, conversando com eles.

A declaração que se segue enfatiza a posição de que não se pode considerar comportamento do aluno da 1ª classe como mau, pois para esse nível a criança pode tomar vários comportamentos e não conseguir distinguir o bem e o mal mas os professores devem tomar esta forma de agir como normal e procurar uma forma adequada de agir.

A criança precisa de um tratamento específico porque criança que é criança há muita coisa que faz sem saber o que está a fazer: de mal ou bom, então, tudo isso o professor tem que saber que, se a criança faz isto é porque não sabe e ela acha normal e é naquele momento que o professor tem que saber que a criança tem que receber este tratamento. (Entrevista à Professora.I, 04-07-2014)

E para os professores, dentro da sala de aulas pode-se encontrar alunos inteligentes que são representados como activos e outros não inteligentes que se encontram numa fase atrasada de aprendizagem em relação aos outros. Em relação aos alunos representados como bem

---

<sup>3</sup>Grito para chamada de atenção

comportados, os professores os dizem que: “*Sabem escrever algumas letras, números, sabem fazer o ditado, sabem copiar, até copiar é o que sabem mais. Alguns sabem aplicar esse conhecimento no dia-a-dia*”. (Entrevista à Professora.I, 04-07-2014)

Estes são representados como alunos com bom comportamento ou que se comportam de forma positiva, pois todos esses comportamentos são os que o professor assume que são característicos de um aluno inteligente e aplicado.

“*São activos, vivos, deixam-me com vontade de trabalhar, são inteligentes algumas, outras não. Há criança que há tempo me pergunto como lhes posso colocar no mesmo ritmo de aprendizagem com as outras*”. (Entrevista à Professora.II, 24-07-2014) Este trecho é uma declaração de uma ideia partilhada por muitos autores de que numa turma existe alunos inteligentes e outros que não o são. Neste caso, o professor se questiona pelo facto de estes estarem em ritmos diferentes e como pode colocar os não inteligentes no mesmo ritmo que os inteligentes. Os alunos com mau comportamento são representados como *irrequietos, irresponsáveis, distraídos e precisam sempre da presença do professor para a manutenção da ordem*.

E, para além desses elementos, os professores estabelecem diferenças entre os alunos e adultos ou professor que é a responsabilidade. O facto de o professor se considerar mãe ou pai em relação a criança e que por essa razão o professor tem que intervir no comportamento da criança pois considera que ela é inconsciente dos seus actos e não consegue distinguir o certo do errado, o mal do bem torna o professor responsável como diz um dos professores no trecho da entrevista que segue:

Diferença professor aluno. Professor: sou responsável, sou mãe, sei distinguir o mau do bom enquanto criança não. Ela acha que tudo que faz é bom é por isso que o adulto tem que intervir na criança e dizer que isso não se faz, isso não é bom, isso é bom, porque para a criança tudo o que faz é normal. (Entrevista à Professora.I, 04-07-2014)

Neste caso, conseguimos constatar nas entrevistas que para os professores há alunos que se comportam de forma positiva e outros negativa.

Alguns se destacam na positiva e outros na negativa. Na negativa tem aqueles meninos querem mais atenção pois não é fácil dar atenção para uma criança no meio de 50 crianças,... não precisam só da minha ajuda... é por isso que eu digo, não podemos entregar

a crianças ao professor, eu estou com elas das 10 as 13 horas e lá em casa quase todo o dia  
(Entrevista à Professora.V, 08-07-2014)

Os alunos que se comportam de forma negativa necessitam de atenção e os professores mostram uma dificuldade em dar atenção a esses alunos na turma por ser uma minoria e alegam que deve haver uma intervenção dos pais para com os alunos que apresentam esse comportamento.

Esses se comportam de forma positiva:

O que eu digo eles fazem, então se todos alunos fizessem o que o professor diz, acho que sairíamos na leitura e escrita a cem por cento... ensinamos como usar caderno, ensinamos que as letras não devem cair, escrever palavras, a escrever sílabas, saber formar sílabas.  
(Entrevista à Professora.V, 08-07-2014)

Os alunos que, na visão do professor, têm um comportamento positivo são aqueles que fazem tudo o que é recomendado e captam tudo que o educador ensina. Para os professores, há alunos que têm bom comportamento e outros com mau comportamento. Os que têm mau comportamento são aqueles que querem mais atenção do professor e têm problemas na percepção da matéria e na escrita. Os que têm bom comportamento de forma são os que fazem tudo quanto o professor manda.

Aqui foi possível compreender que os professores representam o ser dos alunos em duas visões: na visão tradicional e construtivista. Os professores mostram que na mesma sala de aulas podem se destacar alunos com diversos comportamentos, sendo que estes dividimos em duas visões:

- Há os que consideram alguns alunos como sendo bem comportados pelo facto de agirem de uma maneira que agrada ao professor e, por conseguinte, o comportamento destes é considerado pelo professor como sendo positivo.
- Contrariamente ao primeiro grupo, existem certos alunos representados como sendo mal comportados pelo facto de agirem de tal forma que não agrada ao professor e, este é constituído por alunos que são vistos como distraídos, irresponsáveis.

Apesar dessas duas visões serem opostas, a semelhança entre elas reside no facto de todos os professores acharem que os alunos, por serem crianças, não conseguem distinguir o mal do bem (são inconscientes dos seus actos) por causa da sua idade e, por isso, para alguns professores estas não devem ser consideradas indisciplinadas. Por essa razão, os professores devem dar um tratamento específico a estas por serem crianças inconscientes para que não se

desviem da aula criando um espaço de conversa e brincadeiras com elas para que não fiquem desinteressadas com a aula.

#### **4.5. “A criança não é uma tábua rasa” Visão dos professores sobre os saberes dos alunos.**

Nesta parte do trabalho, queremos mostrar como os saberes dos alunos da primeira classe são representados pelos professores, aqui será possível ver na visão destes se a criança traz alguns saberes de casa e quais.

Nas nossas entrevista notamos declarações que mostram que: *“Quando a criança vem de casa tem conhecimento”* (Entrevista à Professora.I, 04-07-2014), e esta visão é partilhada por vários professores entrevistados sendo que estes não consideram os alunos como uma tábua rasa. Mas que, antes de entrar na escola carregam uma bagagem de conhecimentos como diz um outro professor que os alunos: *“Trazem conhecimento antes de entrar na escola.”* (Entrevista à Professora.IV, 04-07-2014)

Os professores declararam que estes saberes que o aluno traz de casa são possível notar quando ao longo da aula o educador fala de um determinado objecto ou matéria e os alunos na sua intervenção identificam-no, mas não sabem escrever os seus respectivos nomes. Podemos notar isso na declaração a seguir:

Se eu desenho um chapéu e digo o que é isto? Eles dizem sem eu os ter ensinado, se desenho animal eles dizem sem eu os ter ensinado. Sabem que existe copo, animais. O professor vem ensinar como se escreve a palavra copo e como se lê. (Entrevista à Professora.V, 08-07-2014)

*“Elas (crianças) vêm a saber contar mas não sabem identificar o conjunto dos números. Então, temos que ajudar a contar para saber representar os conjuntos.* (Entrevista à Professora.III, 28-07-2014). Neste caso, podemos notar que alunos conhecem muitos objectos e conteúdos que facilitam o professor nas aulas e tornam a compreensão dos alunos acessível na medida em que os profesoress só complementam no conhecimento que os alunos trazem de casa. *“Carregam conhecimento pois vivem o dia-a-dia e sabem que isto é isto, já sabem observar imagens,*



*identificar e dizer o nome. Outras observam e dizem usando outra língua mas não são tantos”.*  
(Entrevista à Professora.III, 28-07-2014)

Estas crianças, por causa das suas vivências no quotidiano, adquirem a capacidade de observar e identificar imagens mas os professores mostram que existem alunos com dificuldade na língua portuguesa então, estes dizem o nome de objectos usando línguas nativas e o professor é obrigado a interpretar e explicar na língua portuguesa. Numa das nossas observações vimos que: *“O professor escreve nomes no quadro e os alunos fazem leitura em colectivo e, em seguida, fez desenhos que correspondiam a cada nome no quadro e os alunos faziam a correspondência de cada nome no respectivo objecto”.* (Diário de Campo, 11 de Julho de 2014)

Aqui, foi possível ver que todos os alunos que iam ao quadro conseguiam acertar o exercício mas alguns tinham dificuldades de fazer correspondência pois decoravam o nome e se esqueciam com facilidade e quando chegavam ao quadro precisavam de ajuda para acertar o exercício.

São vários os saberes que os alunos aprendem no seio familiar ou antes de entrar na escola, onde os professores citam também que os alunos conhecem canções, sabem identificar objectos e dizer os seus nomes, conhecem brincadeiras, conhecem números mas não sabem escrever, esses e outros saberes os alunos carregam de casa para a escola. Os professores afirmam que esses saberes facilitam a transmissão de conteúdos e na interacção na sala de aulas.

Estes professores consideram que os conhecimentos trazidos de casa para aula são de extrema importância para a dinamização da lição na medida em que quando fala de um determinado objecto na aula eles o identificam com facilidade. Os alunos sabem também: *“Ler vogais oralmente mas sem escrever, contar números mas não sabem escrever, é como uma canção”.*  
(Entrevista à Professora.IV, 29-07-2014)

Os alunos na 1ª classe, segundo os professores, antes de entrar na escola trazem alguns conhecimentos e o professor vem complementar o que eles já sabem. Portanto, aqui foi possível concluir que os professores representam os alunos como aqueles que antes de iniciar com as aulas trazem algum conhecimento e depois de estar lá os professores complementam o que eles sabem ensinando-os. Os professores mostraram também que os alunos sabem brincar.

Pelo facto de os alunos levarem de casa para escola comportamentos negativos assim como positivos, os professores dizem que não aproveitam todo o conhecimento ou comportamento que o aluno traz de casa porque segundo um dos professores: *“Nem tudo que trazem têm boa influência na aula porque tem certas passagens das novelas que as crianças imitam e são negativas para a sua idade. Mas a culpa de tudo isso é dos pais porque nós estamos aqui por pouco tempo com elas”*. (Entrevista à Professora.II, 24-07-2014)

Dessa maneira, este professor alega que os pais ficam mais tempo com as crianças do que com eles e a maior responsabilidade de educação cabe a eles, pois os professores só permanecem na escola a dar aulas por pouco tempo.

Portanto, para os professores as crianças não são como mostrou Locke (*apud* Colonna 2012) tábuas rasas onde os conhecimentos são adquiridos através da experiência pois os alunos já vão a escola dotados de conhecimentos que permitem dinamizar as aulas. Para estes, os saberes que os alunos carregam são a capacidade de identificar vários objectos, conhecem animais, sabem dizer as vogais e os números mas sem identificar; por sua vez, os professores dizem que não aproveitam todos os saberes pois há alguns negativos. Mas concordam que devem ajudar a desenvolver os conhecimentos que os alunos possuem e partir dos mesmos para a construção de outros.

#### **4.6. “Brincar é o que mais sabem fazer” Representações dos professores sobre as competências dos alunos**

Nesta parte do trabalho pretendemos mostrar como é que os professores olham para as competências dos alunos. Para tal, iremos ilustrar as imagens e representações feitas pelos professores sobre o saber fazer pelos seus alunos.

Foi possível observar e colher dos professores que os alunos têm várias competências nas quais o professor abaixo cita: *“Sabem fazer barco de papel, sabem fazer ventoinha com folha de coqueiro, pão com areia.”* (Entrevista à Professora.I, 04-07-2014) Os professores afirmam que estas competências são importantes no processo de ensino e aprendizagem.

A competência atribuída aos alunos da primeira classe está nos saber fazer que eles trazem maioritariamente de casa e que o professor os considera como os que o aluno mais sabe fazer como ilustra o trecho a seguir: “*sabem fazer barco de papel, avião de papel.* (Entrevista à Professora.IV, 29-07-2014)

De casa elas vêm a saber cantar várias canções. “*Professor manda alunos cantar como demonstração para o pesquisador*”. (Diário de Campo, 17 de Julho de 2014) E, por essa razão, afirmam que “*O que eles sabem mais é brincar, eles sabem muito mais brincar.*” (Entrevista à Professora.IV, 29-07-2014)

Vejamos o excerto abaixo:

“*O professor manda os alunos para fazer a correcção do TPC no quadro. Aparecem muitos voluntários e o professor selecciona um aluno. Num outro exercício colocado no quadro o professor volta a chamar o mesmo aluno para resolver.* (Diário de Campo, 11 de Julho de 2014). Esta passagem é uma evidência de que este professor acredita que os alunos têm algumas competências e, por sua vez, estes têm algum interesse em participar na aula indo ao quadro resolver alguns exercícios mas o professor não dá oportunidade a todos para irem ao quadro. Este comportamento é comum com todos os professores, isto mostra que o professor representa o aluno como alguém que faz TPC e sabe escrever no quadro. Como mostra a outra observação quando:

A professora manda os alunos escrever números de um a dez no quadro e um por um levantam-se e fazem esse exercício. Em seguida, volta a mandar alguns dos que já tinham ido resolver os exercícios anteriores para irem ao quadro apontar e ler os números e os outros repetem em coro. (Diário de Campo, 07 de Julho de 2014)

Nas nossas observações e entrevistas na sala de aulas, vimos que estes educadores consideram que algumas crianças são capazes de fazer algumas coisas como ir ao quadro, resolver exercícios, sabem escrever no quadro, sabem ler o que escrevem. Mas pelo facto do professor destacar alguns para resolver os exercícios percebemos que o professor os representa como aqueles que sabem mais em relação aos outros. No trecho que segue observamos que a professora explica os exercícios e volta a dar os mesmos como exercícios.

A professora copia imagens do livro para o quadro e as corresponde com os respectivos nomes com a participação dos alunos. Depois de corresponder os nomes com as imagens

no quadro a professora apaga e os alunos são mandados para fazer o mesmo exercício no livro. (Diário de Campo, 11 de Julho de 2014)

Nesta observação, notou-se que o professor não explica com exemplos diferentes para que os alunos apliquem o exemplo nos exercícios do livro, mas sim na sua explanação resolve exercícios do livro e depois apaga para que, por sua vez, os alunos possam resolve-los de novo. Isto mostra que o professor olha para o aluno como quem tem falta de competência de partir de um determinado exemplo para aplicar em vários exercícios.

Este comportamento repete-se com outros professores, dos quais um quando observado mostrou que:

A professora preenche uma tabela de sílabas com os alunos no quadro. Ela perguntava e quando respondiam ela preenchia o quadro mas quando não conseguiam ela não recuava para explicar, mas sim fazia sem a ajuda dos alunos e, em seguida, dizia para copiarem no caderno. Alguns alunos tinham dificuldades em copiar mas a professora insistia que esses copiassem. (Diário de Campo, 08 de Julho de 2014).

Estes comportamentos são associados a visão tradicional de ensino e aprendizagem pois o professor duvida da capacidade reflexiva do aluno e faz com que este decore as matérias. Outros professores mostram que devido à incapacidade de muitos conseguirem resolver exercícios nos cadernos declarou que eles: *“Devem resolver exercícios no quadro não cada ficar a resolver sozinho na carteira. Se a professora lhes deixasse a resolver exercícios sozinhos na carteira a maioria não ia conseguir”*. (Entrevista à Professora.III, 28-07-2014)

Todos os professores entrevistados olham para os alunos da 1ª classe como sujeitos sem capacidade de debater na sala de aulas por causa da sua idade e seu nível como mostra o excerto a seguir. *“Alunos da primeira debater”? Debate “É lançar tema e os alunos dizerem é isto e aquilo. Isso depende do nível e da classe”*. (Entrevista à Professora.V, 08-07-2014)

Esse professor coloca uma dúvida na capacidade de os alunos desenvolverem um debate alegando que o seu nível não permite. Outros professores também compartilham dessa ideia: *“Mas debates em si, eles não podem fazer por causa do nível”*. (Entrevista à Professora.I, 04-07-2014). A maioria dos professores cita a questão do nível e idade como factor que incapacita os alunos de debater nas aulas.

No que diz respeito às competências dos alunos, os professores mostraram que existem coisas que os alunos sabem fazer e outras que não. Foi possível ver nas entrevistas e nas observações que os professores olham para os alunos como competentes nas brincadeiras e na sala de aula sabem escrever no quadro mas a maior parte das coisas que eles sabem fazer estão relacionadas com os seus brinquedos diários. Para os alunos considerados competentes, quando os professores preparam exercícios para serem resolvidos são privilegiados na resolução destes. Existe um conjunto de competências que os professores atribuem às crianças e na sua interacção com elas, estes elementos acabam influenciando.

Notamos também que os professores olham para os alunos como incompetentes no debate pois o seu nível não lhes permite debater. Ao explicar usando os mesmos exercício para eles resolverem, mostra a representação do professor sobre a incapacidade do aluno raciocinar e relacionar os exercícios. Este comportamento dos professores insere-se na ideia das crianças como objectos que para Soares (2006), os alunos são vistos como incompetentes, irracionais, dependentes, etc.

#### **4.7. Alunos que sabem e alunos que não sabem.**

Esta parte constitui uma introdução para em seguida mostrar como é que os professores diferenciam os dois tipos de alunos: os representados como aqueles que sabem e os representados como os que não sabem. E, em seguida, mostrar quais são os elementos que fazem com que estes sejam representados dessa forma.

Os professores levantam uma série de características que usam para representar um como outro aluno tendo como referência os saberes que estes têm, a forma de se comportar e as suas competências nas aulas. A diferença entre estes dois tipos de alunos é notável também na forma de compreensão da matéria na sala como mostra um professor: *“O nível da percepção da matéria é diferente”*. (Entrevista à Professora.III, 28-07-2014). Para este professor há alunos que entendem a matéria com facilidade e outros que precisam de um esforço do professor.

Na mesma ordem, defende um outro professor quando traz uma declaração referindo que *“não é possível os alunos aprovarem a cem por cento. É a lei da selva”*. (Entrevista à Professora.V, 08-

07-2014). Este professor não acredita na possibilidade de todos alunos numa turma terem um aproveitamento positivo o que nos faz entender que para este numa turma há sempre alunos com resultados positivos e outros com negativos.

Neste caso, numa turma os professores dividem os alunos em duas partes: para estes existem alunos que são representados como aqueles que sabem e aqueles que não sabem. É por essa razão que na declaração que se segue o professor entrevistado enfatiza essa posição: “*Não é fácil numa turma todos saberem*”. (Entrevista à Professora.I, 04-07-2014). Mas estes consideram que apesar de isto ser difícil, é possível.

Para os professores, a diferença as crianças aplicadas e não aplicadas reside no facto de que para os educadores as crianças consideradas não aplicadas são vistas como estando num nível diferente das outras que são consideradas inteligentes. Porém, existe dois tipos de crianças na representação de professores: os que sabem e outros que não sabem. Para os professores, numa turma sempre há esse tipo de aluno, e é difícil registar casos contrários.

#### **4.8.Representação dos alunos como não aplicados (maus alunos)**

Nesta secção iremos apresentar a forma como o professor representa os alunos como não aplicado. Apresentaremos também um conjunto de características que os professores atribuem aos alunos e a ponte que separa os aplicados e não aplicados. Por fim, mostraremos a forma como a família influencia no comportamento do aluno na visão dos professores e quais são os indicadores dos alunos considerados como bem ou mal comportados.

Segundo as declarações dos professores, há crianças que não entendem conteúdos básicos para a aprendizagem. “*Alguns alunos são maus, há criança que nem entende letra da mão e da máquina*”. (Entrevista à Professora.IV, 29-07-2014)

Para o nosso entrevistado, essa característica é de alunos não aplicados ou maus que não sabem diferenciar as letras. Mas os professores dizem que criaram medidas para ajudar os alunos não aplicados onde dá alguns trabalhos a mais em relação aos considerados aplicados. Como

veremos: *“Alguns alunos não são aplicados. Para alunos fracos eu gosto de dar TPC diferente do geral”*. (Entrevista à Professora.I, 04-07-2014)

Mas mesmo assim, esse método de dar tarefas para casa acaba não resultando para a aprendizagem dos alunos, pois um dos professores diz que esses não o fazem. A outra imagem construída sobre esses alunos é o facto de não terem a capacidade de fazer TPC pessoalmente e os irmãos fazem por eles.

Alguns professores olham para o aproveitamento da criança como um elemento influenciado pela família e que tanto aqueles alunos representados como bons no aproveitamento como os representados como alunos com mau aproveitamento, são o resultado da forma como são assistidas pela família, como mostra a entrevista a seguir: *“Os que não tem bom aproveitamento é por causa da assistência dos pais porque esta nossa criança precisa de uma intervenção do adulto”* (Entrevista à Professora.I, 04-07-2014)

Os professores colocam como central a intervenção dos pais na educação dos alunos pois se estes não conseguem guiar o aluno dentro da família, este terá um aproveitamento que os professores o consideram como negativo e, por sua vez, não será aplicado. Neste caso, para estas crianças consideradas não aplicadas, os professores atribuem a culpa a família. A entrevista abaixo enfatiza essa posição: *“No caso da minha turma, as crianças que não sabem são mal tratadas nas suas casas. O problema é onde cresceram e a forma como vivem”*. (Entrevista à Professora.IV, 29-07-2014)

Para os professores, os alunos com um mau tratamento em casa, a sua tendência é de se comportar mal na sala e tem um mau aproveitamento na escola. Os professores possuem indicadores desses alunos e são relacionados com a aparência física do aluno, e uma delas é a forma de se vestir. Prestemos atenção na seguinte declaração: *“Os pais não ajudam, não prestam atenção na criança: a criança que não escreve e não sabe nada às vezes dá para ver, veste mal por vezes, às vezes não tomam banho e nem mata bicha. Como a criança vai saber na sala?”*. (Entrevista à Professora.IV, 29-07-2014)

Essas características são, na representação dos professores, de alunos que não sabem: são mal comportados e não dedicados nas aulas e a responsabilidade é atribuída à família pois para estes, os pais é que influenciam para que assim se tornem.

#### **4.9.Representação dos alunos como aplicados (bons alunos)**

Ao contrário desses alunos que são representados como não aplicados, os professores representam as crianças que sabem como aquelas que também são facilmente identificáveis através de indicadores que um dos professores diz: *“Já, as crianças que sabem, só a entrar na sala da para ver que essas crianças são bem tratadas em casa, essas crianças praticamente sabem e prestam atenção no que o professor diz... O problema é onde cresceram e a forma como vivem”*. (Entrevista à Professora.IV, 29-07-2014)

Para os professores, a diferença entre os bons e maus alunos reside na forma como cada um é tratado no seio da família. Nesse caso, os alunos que recebem um bom tratamento no seio da família são bem comportados e cumprem com os deveres e ao contrário, os que recebem uma fraca prestação da família não cumprem com os trabalhos recomendados.

Os bons alunos ou aplicados, são identificáveis também a partir de indicadores que os professores os identificam com facilidade. O indicador que aqui é citado por este professor é o bom comportamento e a realização dos trabalhos de casa. Para esse professor, esses alunos *“são bons alunos e pelo menos os bem comportados fazem tpc”*. (Entrevista à Professora.IV, 29-07-2014) e o mesmo professor refere *que “já esses outros nem fazem tpc”* (Entrevista à Professora.IV, 29-07-2014) referindo-se aos alunos que os considera não aplicados e maus alunos. Os professores apresentaram várias imagens para representar os alunos como aplicados ou bons e sempre a tentar distinguir estes dos não aplicados. *“Na compreensão da matéria têm aqueles que é fácil.”* (Entrevista à Professora.IV, 29-07-2014). Esta é uma outra característica atribuída aos alunos como bons, em que o professor diz que estes compreendem a matéria de forma fácil.



A visão destes professores está ligada a ideia de Luciano e Andrade (2006) que olham para "*O bom aluno*" como aquele que possui bons atributos pessoais e familiares, que se relaciona bem e não cria problemas na sala de aulas.

Para o outro professor, os alunos da primeira classe que são representados como aplicadas são atribuídos outras imagens nas quais: "*são activos, vivos, deixam-me com vontade de trabalhar são inteligentes...*" (Entrevista à Professora.II, 24-07-2014). E estes alunos são os que intervêm na sala da forma como o professor quer.

Para os alunos que são representados como aplicados, os professores levantam algumas características que estão associadas ao saber fazer. (ver. 4.6) Nesta parte conseguimos notar que, para os professores, o comportamento da família é que influencia no aproveitamento das crianças. Neste caso, os professores representam os alunos como aplicados aqueles que têm as seguintes características: fazem os trabalhos de casa, são atenciosas, calmos e esses alunos são bem tratados nas suas casas.

Por sua vez, os maus alunos caracterizam-se por ser rebeldes, como barrulhentos, não fazem tpc, são irrequietos, rebeldes não fazem trabalhos de casa e esses apresentam indicadores de que são maltratados nas suas casas.

Esses dois alunos são influenciados pelas famílias pois os professores consideram que passam pouco tempo com as crianças. Se os pais não fazem um bom acompanhamento, os alunos acabam se desviando pois eles passam maior parte de tempo em casa do que na escola. Neste caso, a diferença entre o aluno aplicado e não aplicado está na forma como cada um destes é tratado, na medida em que quanto mais maltratado for a tendência será de ser um mau aluno ou não aplicado.

#### **4.10. A relação entre a interacção e a representação social dos professores sobre os alunos no processo de ensino e aprendizagem**

Aqui se pretende mostrar a relação existente entre a interacção e a representação social dos alunos na Escola Primária 1 de Junho. Portanto, iremos discutir os resultados encontrados articulando-os com a teoria e mostraremos também como é que se formam as representações do professor sobre os alunos para em seguida explicar a relação existente entre a interacção do professor e aluno na sala de aulas e as representações sociais.

Os professores interagem com os alunos usando a metodologia tradicional assim como construtivista. A metodologia tradicional na interacção entre estes é caracterizada pelo uso da violência física, psicológica e os professores se comportam de forma autoritária. A metodologia construtivista caracteriza-se pelo uso de brincadeiras, elaboração conjunta, e conversas entre os professores e os alunos. O uso destas duas metodologias é resultado das representações que os professores fazem dos alunos.

Neste caso, as imagens criadas pelos professores, de alunos desatentos, irrequietos, irresponsáveis, que não ouvem, não entendem a matéria, maltratados na família, distraídos, barrulhentos, brincalhões, que não sabem resolver exercícios sozinhos, não sabem debater, sujos, etc, nos remetem a *ancoragem*, onde os professores atribuem várias características aos alunos (Moscovici *apud* Cabecinhas, 2004). A *objectivação* ocorre quando a partir destas imagens os professores criam representações de alunos como maus ou não aplicados, mal comportados, que não sabem. Por causa dessas representações os professores acabam optando por interagir com os alunos usando a via autoritária que nos remete para uma visão das crianças como objectos e a metodologia tradicional, na qual segundo Melo e Bastos (2012), os alunos só vão a sala para receber conhecimentos.

O uso da violência serve como um mecanismo para colocar os alunos naquilo que os professores consideram ordem ou para que estes possam ter um bom comportamento e prestem atenção na aula para compreenderem a matéria. Para os professores, este tipo de alunos necessita da presença dos professores e da família por perto para poder regular o seu comportamento. Este comportamento dos professores perante os alunos está inserido na visão da criança como objecto e, segundo Soares (2006), as metodologias para o ensino são criadas com base nas

representações que lhes atribuem. Neste caso, quando os professores usam a metodologia tradicional, procuram impor as suas ideias na aula e quando não são acatadas recorrem a violência.

Da mesma forma, as imagens de alunos interventivos, limpos, atentos, quietos, activos, que fazem tpc, sabem desenhar, têm capacidade de identificar vários objectos, sabem contar, são bem tratados nas suas casas, nos levam ao que Moscovici (*apud* Cabecinhas 2004) chamou de *ancoragem* em que o professor atribui um conjunto de características aos alunos. Em seguida ocorre a *objectivação* na qual a partir do conjunto de características atribuídas às crianças os professores atribuem representações aos alunos como: bons ou aplicados, disciplinados, competentes, inteligentes, etc. Por essa razão, os professores acabam interagindo com os alunos de uma forma construtivista cujas ideias trazidas por estas crianças são valorizadas. Esse comportamento está ligado a visão do aluno como actor social e ao método construtivista. Os bons alunos ou aplicados na representação dos professores são considerados organizados, tem o privilégio de serem mais convidados para o quadro, a fim de mostrar aos outros como se faz um determinado exercício.

Neste caso, Cabecinhas (2004) diz que as representações são sistemas de interpretação que regulam as relações entre os professores e os alunos e orientam a forma como os primeiros se comportam em relação aos segundos. Isso se pode notar quando os professores interagem com recurso à violência física ou psicológica por considerar que os alunos não são aplicados e para que estes sejam bons optam por essas vias. A violência é também usada pelos professores pelo facto de pensarem que as crianças são inconscientes dos seus actos. Doutro lado os professores optam por valorizar as ideias dos alunos pelo facto de representar estes como bons alunos ou aplicados, disciplinados, competentes, inteligentes, etc e interagem com eles de forma construtivista.

O uso das brincadeiras, nas quais os professores procuram ver a habilidade dos alunos a partir do canto, danças, na construção de brinquedos como barco de papel, aviões de papel, e conversas com os alunos sobre o seu quotidiano constitui também uma forma de interacção que nasce a partir da ideia de que estes são seres delicados, que precisam de métodos específicos para poder deter a sua atenção e, por sua vez dinamizar, o processo de ensino e aprendizagem. Nisto, os professores têm a consciência de que essas brincadeiras e conversas podem ajudar a despertar

saberes dos alunos nas aulas. Por seu turno, ajudam os alunos a se inserir na aula pois aprendem brincando num processo de elaboração conjunta. Mas, para os professores, outros conteúdos apresentados pelos alunos não são aproveitáveis pelo facto de estes não trazerem tudo de bom de casa. Os professores têm a consciência de que o uso da metodologia construtivista pode ajudar os alunos a melhorar o aproveitamento mas por vezes eles guiam as aulas usando a metodologia tradicional.

Os professores constroem representações sobre os alunos partindo de um conjunto de imagens que idealizam ou observam nos segundos. A partir dessas imagens resulta a atribuição de identidades que são baseadas em características comportamentais, competências e saberes que permitem aos professores representarem os alunos como bons ou aplicados, e maus ou não aplicados. A partir daí, os professores interagem com os alunos em função dessas representações.

Portanto a nossa hipótese de que a forma como os professores representam os alunos influencia na interacção dentro da sala de aulas fica comprovada na medida em que os professores agem, conversam e se relacionam com os alunos tendo em conta a sua visão sobre estes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso trabalho foi realizado na Escola Primária 1 de Junho com professores que leccionam apenas a 1ª classe. Esta pesquisa centrou-se na interacção pedagógica entre os professores e os alunos na sala de aulas, na qual compreendeu-se a relação existente entre esta e a representação social dos professores sobre os alunos.

Estes professores olham para a sua profissão de forma positiva pois mostraram que gostam de dar aulas as crianças da 1ª classe e que ingressaram nessa actividade voluntariamente, apenas uma professora se mostrou obrigada mas, mesmo assim, gosta da sua profissão e estes se consideram guias dos seus alunos.

Na sala de aulas os professores interagem com os alunos de duas maneiras: de forma tradicional e com recurso a metodologia construtivista. Quando usam a forma tradicional são autoritários, recorrem à violência física e psicológica para a manutenção da ordem e disciplina. E quando recorrem a metodologia construtivista usam a elaboração conjunta que é sustentada pelas brincadeiras de cantos, fazer brinquedos de papel e conversas. Estas duas formas predominam no mesmo professor, a diferença é que há aqueles que se inclinam mais na forma autoritária e outros na construtivista. Neste caso, percebemos que os professores usam a visão construtivista como tradicional para dinamizar as aulas no processo de ensino e aprendizagem.

Os professores olham para o comportamento dos alunos de duas maneiras: há alunos representados como disciplinados e outros como mal comportados. Os alunos com bom comportamento são aqueles que reúnem um conjunto de características que os professores os aprovam como positivos como é o caso dos designados interventivos, que fazem TPC, etc. Por sua vez, os que são representados como aqueles que possuem mau comportamento são aqueles que não fazem TPC, são sujios, vão a escola sem ter tido a refeição, etc, mas ambos são inconscientes dos seus actos por serem crianças.

Estes professores mostram que as crianças não são tabuas rasas pois elas ingressam na 1ª classe com conhecimentos e os educadores somente acrescentam e desenvolvem o que elas já sabem. Elas ingressam com a capacidade de identificar certos objectos, e conhecem os seus nomes e isso

ajuda na dinamização das aulas pois o professor ensina como se escreve o nome dos objectos que elas sabem identificar e dizer os nomes.

Os professores mostraram que os alunos têm capacidade de fazer algumas coisas e outras não. As que mais sabem fazer são as brincadeiras mas também sabem escrever no quadro. As coisas que os professores mostraram que os alunos não sabem fazer são os debates, e relacionar exercícios. Este conjunto de características que os professores atribuem aos alunos influencia na forma como ambos interagem na aula pelo facto de as crianças que são atribuídas representações que se encontram na visão dos alunos como objectos acabam sendo sujeitas a violência física, psicológica e as que são atribuídas imagens que se inserem na visão dos alunos como actores sociais tem uma relação mais participativa com os professores.

Estas representações que os professores constroem sobre os alunos não são atribuídas antes do contacto com os alunos, mas sim depois de ambos terem convivido. Em primeiro lugar, os professores têm um conjunto de características que compartilham no seu grupo e que a junção das mesmas forma uma representação sobre os alunos. Neste caso, os professores representam os alunos como “bons” ou aplicados, disciplinados, competentes, inteligente, e “maus” ou não aplicados, mal comportados, e incompetentes.

Estas representações, para Cabecinhas (2004), passam pelo processo da objectivação para a ancoragem em que primeiramente o professor organiza as imagens sobre os alunos e, em seguida, cria representações. Estas representações são atribuídas no contacto com os alunos dentro da sala de aulas. A única representação que o professor traz de casa e leva para a aula é a de que a criança é um sujeito inconsciente dos seus actos e, por essa razão, precisa da atenção especial do educador.

No presente trabalho tivemos a seguinte questão de partida: *Qual é a relação entre a representação social dos professores sobre os alunos e a interacção entre estes na sala de aulas?* Dessa maneira, a partir da teoria das representações sociais a nossa hipótese foi confirmada. Percebemos que as interacções entre professores e alunos são influenciadas pelas representações que os primeiros têm dos segundos. Estas representações partem, segundo Cabecinhas (2004), da organização de um conjunto de elementos ou imagens que os professores têm sobre os alunos e, por sua vez, organiza e tornam-se naturais para identificar o aluno, e em

seguida, passa para o que a autora chamou de ancoragem onde a representação se materializa com a identificação dos alunos como: “bons” ou aplicados, e “maus” ou não aplicados.

Não foi possível encontrar estudos que falam das representações dos professores sobre os alunos em Moçambique e isso fez com que nos apoiássemos nas pesquisas feitas noutros contextos. Portanto, as conclusões deste estudo não devem ser vistas como acabadas mas sim, como uma abertura para novas pesquisas em que pode se envolver amostras mais amplas. Como pista para futuros trabalhos pode se desenvolver estudos sobre a influência que as representações dos professores sobre as crianças podem causar no processo do ensino e aprendizagem.

## BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, M. M. Como Preparar Trabalhos para Cursos de Pós Graduação. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

ANDRADE, M – Introdução à Metodologia do Trabalho Científico, 7ª Edição, Editora Atlas, São Paulo, 2006.

BARRETO, A. Formação do professor: um olhar no processo de ensino-aprendizagem UNIGRANRIO, Sd.

BASTOS, W. MELO, É. Avaliação escolar como processo de construção de conhecimento Est. Aval. Educ., São Paulo, v. 23, n. 52, maio/ago. 2012, p. 180-203.

BARBOSA, J. A avaliação da aprendizagem como processo interativo: um desafio para o educador. Instituto superior de educação da zona oeste, Rio de Janeiro, 2008

CABECINHAS, Rosa. Representações Sociais, Relações Intergrupais e cognição social. Portugal 2004, p. 125-137

DE CARVALHO, M. As práticas pedagógicas na sala de aula e a qualidade do processo ensinam aprendizagem Estudo de caso: Escola Secundária de Achada Grande Cidade da Praia, 2008.

COLONNA, Elena - “Eu é que fico com a minha irmã:” Vida Quotidiana das Crianças na Periferia de Maputo, 2012. Tese de Doutoramento em Estudos da Criança, Especialidade em Sociologia da Infância, Instituto de Educação, Universidade do Minho.

DEMATHEÉ e CORDEIRO. Representações sociais sobre infância: um estudo com pais e educadoras de educação infantil, Nuances: estudos sobre Educação. Presidente Prudente, São Paulo., p. 119-133, 2009.

DEMO, Pedro. Pesquisa: princípio científico e educativo. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FABIANO, Cleber et al. Desafios da Sociologia da Infância, uma área Emergente, 2009

FROY, C. Representações Simbólicas da Alimentação: Um Estudo Qualitativo na “Bósnia do Tangará” no Campus Universitário da UEM em Maputo- 2010. 2011. 66 f. Monografia de licenciatura em sociologia, faculdade de letras e ciências sociais, Universidade Eduardo Mondlane.

GIL, A. Métodos e técnicas de pesquisa social, São Paulo, Editora atlas s.a 2ª ed, 1989

GRÁCIO, M. Representação social da criança em educadores de infância e professores do 1º Ciclo do Ensino Básico português. Análise Psicológica (1998), 2 (XVI): 285-300.



HOROCHOVSKI, M. Representações Sociais: Delineamentos de uma Categoria Analítica, Revista Electrónica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (2), p. 92-106.2004.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. Educar. n. 17. p. 153-176. Curitiba: Editora da UFPR. 2001.

LUCIANO, E. ANDRADE, A. Representações de professores do ensino fundamental sobre o aluno Tomo II, PROG. Pós graduação em psicologia – FFCRP, livros de artigos, 2005.

MEIRIEU, P. Aprender... Sim, mas como? Trad. VaniseDresch – 7. Ed. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MOITA, F. ANDRADE, F. O saber de mão em mão: a oficina pedagógica como dispositivo para a formação docente e a construção do conhecimento na escola pública GT: Educação Popular / n.06. s.d

PALME, M – O Significado da Escola: Repetências e Desistências na Escola Primária Moçambicana, INDE, Estocolmo, 1992.

PIRES, E. Tarefa relativa às disciplinas Construção do Conhecimento e Fundamentos da Educação a partir da elaboração de um texto que reflecta sobre a importância dos conteúdos estudados no campo de actuação do curso. Campo Grande – MS 2012.

POSTIC, M. A relação Pedagógica. Lisboa: Padrões culturais, 2007.

RANGEL e BARBOSA, a avaliação da aprendizagem como processo interactivo: um desafio para o educador, Democratizar. V. II. N 1, rio de Janeiro, 2008.

SANCHIS, I. MAHFOUD, M. Construtivismo: Desdobramentos Teóricos e no Campo da Educação. Maio de 2010. V. 4, n. 1 Programa de Pós-Graduação em Educação

SOARES, Natália et all. Investigação da criança como investigadora: metodologia participativa dos Mundos Sociais das Crianças,2005.

SOARES, Natália. A Investigação Participativa no Grupo Social da infância, Portugal, pp. 25-40, 2006.

TURNER, J. Sociologia - Conceitos e Aplicações, MAKRON BOOKS, 1999, 256 P.

## ANEXOS

### **ANEXO 1: Termo de consentimento para a direcção da escola**

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO**

Meu nome é Enoque Luís Chauque, sou estudante do curso de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane. Estou, a desenvolver uma pesquisa para o Trabalho de Fim de Curso, e pretendo estudar, interacção entre o professor do ensino primário e o aluno no processo de ensino e aprendizagem. Para o efeito, precisarei de assistir as aulas da 1ª classe e, em seguida, fazer entrevista a alguns professores. Neste caso, Gostaria de contar com a participação dos professores desta escola.

A colaboração dos professores nesta pesquisa é muito importante pois com esta, estaremos a aprofundar o conhecimento sobre a relação de interacção entre professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem.

Os professores não correm nenhum risco em participar na pesquisa e os seus nomes não serão mencionados no trabalho. Caso não queiram participar estão livre de recusar e se participarem não serão obrigados a responder nenhuma questão que não desejem e podem interromper a sua participação na pesquisa se assim desejarem.

Aceito que esta pesquisa seja desenvolvida nesta escola.

O Director da Escola \_\_\_\_\_, Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 2014

O investigador: \_\_\_\_\_, Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 2014

## **ANEXO 2: Termo de consentimento para os professores**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO**

Meu nome é Enoque Luís Chauque, Sou estudante da Universidade Eduardo Mondlane no Departamento de Sociologia, curso de sociologia e estou a desenvolver uma pesquisa sobre interação entre o professor do ensino primário e o aluno na sala de aulas no processo de ensino e aprendizagem. Este estudo constitui um Trabalho de Fim de Curso que visa colher e analisar dados sobre o assunto acima citado.

Nesta ordem pretende-se, nos próximos dias, assistir as aulas da 1ª classe e, posteriormente, fazer entrevista aos professores da mesma classe e neste caso gostaríamos de contar com a sua colaboração.

A participação neste estudo não envolve riscos para si e é totalmente voluntária sendo que não será obrigado a responder a qualquer questão que não deseje. Caso aceite participar, o professor é livre de escolher o espaço e a hora que achar melhor para a entrevista com o pesquisador.

A sua participação neste estudo é muito importante e se tiver alguma questão ou sugestão está livre de apresentar.

Eu concordo participar no estudo.

O professor: \_\_\_\_\_, Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 2014

O investigador: \_\_\_\_\_, Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 2014

### **ANEXO 3: Guião de entrevista para professores**

1. Idade, sexo?
2. Desde quando lecciona?
3. Onde teve a formação?
4. Gosta do trabalho que faz?
5. O que significa dar aulas as crianças do ensino primário para si?
6. O que mais gosta de fazer na sala de aulas com os alunos?
7. Como é a sua relação com os alunos?
8. Que tratamento específico merece as crianças da escola primária

#### **Ser**

9. O que tem a dizer sobre a forma como os alunos se comportam na aula?
10. O que tem a dizer sobre crianças do ensino primário?
11. O que diferencia a criança do adulto?
12. O que diferencia o aluno do professor?
13. Como tem sido o aproveitamento dos seus alunos?
14. O que tem a dizer sobre a forma como eles se comportam?
15. Listar 10 palavras que indicam o que os seus alunos são?

#### **Saber**

16. Antes de entrar na escola as crianças tem conhecimento? Se sim qual?
17. Como é que o conhecimento que traz de casa influencia nas aulas?
18. Que conhecimentos o aluno tem trazido de fora para a aula?
19. Pode falar sobre como é que o conhecimento que o aluno traz de casa para a aula influencia no ensino?
20. Indicar no mínimo 10 palavras que indicam o que os seus alunos sabem?

#### **Saber fazer**

21. Acha que as crianças da primeira classe sabem alguma coisa?
22. O que acha que elas sabem fazer?
23. Acha que o aluno é capaz de dar boas contribuições para aula?
24. São capazes de debater temas?

25. Como é que eles têm respondido as perguntas do professor?
26. O que eles gostam de fazer
27. Eles são capazes de debater temas?
28. Fala sobre como eles respondem nas provas ou as perguntas do professor?
29. Fazem o tpc? Como é que eles têm feito?
30. Indique dez palavras sobre as competências das crianças? (o que elas sabem fazer)

### **Questões sobre interacção**

31. Tem convidado os alunos ao quadro?
32. Pede aos alunos para falar das suas competências?
33. Pede aos alunos para falar das suas experiências? (brincadeiras, actividades domesticas etc)
34. Como se relaciona com os seus alunos?
35. Como é que tem ajudado o aluno para chegar a bons resultados?
36. Como é que ajuda os alunos a resolver trabalhos na sala de aulas?
37. Como é que tem acontecido o debate entre os alunos e o professor na sala de aulas?
38. Como é feito o debate de temas?
39. Como é que tem aproveitado as ideias que eles tiram nos debates?